

Estatutos do Conservatório das Meninas Orfãs (Uma Fundação de D. Frei Caetano Brandão)

TRANSCRIÇÃO E INTRODUÇÃO DE PAULO ABREU

Duas razões determinaram a transcrição e divulgação dos «Estatutos, para o Conservatorio das Meninas Orfaãs», este último originariamente sediado junto ao Recolhimento de S. Domingos, na rua homónima.

Em primeiro lugar, queremos prestar homenagem a um portento da Caridade, fundador do mesmo Conservatório, falecido há dois séculos (15 de Dezembro de 1805): – D. Frei Caetano Brandão. Homem simples, franciscano na vocação e no estilo de vida, sacerdote empenhado, Bispo do Pará, depois Arcebispo de Braga (entre 1790 e 1805), soube levar até às últimas consequências o seu amor a Deus. E conseguiu traduzir esse amor a Deus no concreto amor ao próximo, com particular incidência nos mais carenciados: idosos, órfãos e órfãs.

Em segundo lugar, as muitas investigações e escritos sobre o referido Prelado nunca nos haviam apresentado este documento. Ora não é um documento de somenos, pelo que revela da mentalidade do Arcebispo franciscano, também pela informação que nos dá acerca dessa instituição destinada ao socorro e educação da mocidade feminina desvalida.

Pelo que concerne à mentalidade do Arcebispo, aparece-nos este marcado pela feição machista do seu tempo; também apresenta as marcas de uma interpretação demasiado literal da Sagrada Escritura, mormente no que se refere ao

livro do Génesis no cenário da criação; e não consegue demarcar-se de um forte pessimismo antropológico e de uma visão negativa da corporeidade.

Mas existe um outro lado.

Existe um amor terno para com as «minhas queridas filhas», ou «minhas caras filhas», que quer ver bem-educadas e preparadas para o futuro. E essas «queridas filhas» são essencialmente aquelas que a sociedade enjeitou. Para as acolher funda a Instituição, dotando-a de recursos humanos e materiais; e às pobres que já não consegue acolher, facultá-lhes pelo menos a aprendizagem, na «Aula Pública», que o Conservatório ministra diariamente.

Existe uma sabedoria delicada no que diz respeito ao processo educativo. O Arcebispo tem consciência da importância da educação a partir das «tenridades»; mostra-se contra uma educação livre e negligente; defende que só de uma educação capaz resultará uma sociedade capaz, não desordeira, não corrupta; sabe que «o bom exemplo é o primeiro dever, e o mais indispensável naquelas pessoas que têm a seu cuidado a educação da mocidade»; percebe que uma educação correcta supõe uma proximidade distante entre educador e educandos, de forma que o educador, amando, seja respeitado e matenha a sua autoridade, e o educando, sabendo-se amado, confie, mas respeite as regras. E estas no Conservatório são exigentes: o regime é de clausura.

Tem ainda o Arcebispo consciência que quem educa não pode manifestar «predilecção e afecto particular» por apenas um ou apenas alguns educandos, sendo isso «um vício inteiramente repugnante à verdadeira caridade»; e sabe que os castigos são de evitar, reservando-se a «enfermidades extremas», já que se por um lado purgam, por outro debilitam e enfraquecem a organização; mas esses castigos, a existirem, nunca poderão ser ditados pela paixão, pela ira, pela cólera, antes pela sabedoria, pelo zelo, pela caridade.

O Arcebispo também tem consciência da necessidade de uma alimentação regrada, da importância do exercício físico, e de um sono com a duração certa.

E onde o Prelado não transige mesmo é no ensino da doutrina, tão importante que até o confia à Superiora da Instituição; tão importante que o Arcebispo até lhe dedica mais de metade do texto dos Estatutos.

Curioso que Caetano Brandão não quer que as crianças aprendam apenas as fórmulas. Pede que estas sejam bem explicadas, tendo-se sempre presente a capacidade de aprendizagem das crianças. E nada de massacrá-las com lições multiplicadas, e muito menos de obrigá-las com rigor e dureza. Além disso, tenha-se em conta a linguagem própria da infância...

A propósito da Instituição, os Estatutos dizem-nos estar preparada para receber quarenta alunas, para além das porcionistas (estas deveriam pagar a sua estadia).

Anunciam a proveniência dos rendimentos: frutos de Martim; terça parte dos de S. Paio de Vizela; pensão de Lamações. Prevê-se, no futuro, a união do benefício de Cervães.

Estabelecem o horário, de Verão e de Inverno.

Também nos falam das pessoas que superintendem no Conservatório: o próprio Arcebispo, a Superiora ou Directora, o Capelão ou Confessor, a Co-adjutora ou Escrivã, a Provisora (trata da economia temporal), a Rodeira (vai fazendo a «prefeitura»), a Mestra que ensina às meninas os ofícios que estas devem aprender, a Mestra dos Teares, a Mestra para a Aula Pública (já acima mencionada) e a Mestra para a Cozinha.

No Conservatório ensina-se a ler, escrever e contar; também a rendilhar e bordar. Ensina-se ainda a costura branca e a costura de côr. Ainda a fazer meia, a trabalhar nos teares e a cozinhar.

Por entre as aprendizagens e labores, muita religiosidade, alguns sacrifícios e muita, muita oração. É que para além do fazer, há o ser, material e espiritual. E importa cuidar bem desta última vertente, a única que nos conduz – no entender do Arcebispo – às delícias celestes.

Os Estatutos propriamente ditos não estão datados. Aparecem-nos anteceditos por um requerimento, a solicitar que as suas páginas sejam rubricadas por quem de direito. Mas esse requerimento, e consequente despacho, são sem dúvida posteriores, apresentando a data de 19 de Fevereiro de 1813. Logo no fecho do texto dos Estatutos aparece um aditamento, assinado por D. José Arcebispo Primaz, agora com a data de 7 de Agosto de 1808.

Pelo próprio texto dos Estatutos não poderemos, portanto, indicar a data exacta da sua feitura. Mas o estilo em que estão redigidos e o conteúdo que apresentam não nos deixam qualquer dúvida sobre o seu autor: são de D. Frei Caetano Brandão, o verdadeiro pai da mocidade de ambos os sexos, mormente da órfã e pobre, «por ser esta a mais desamparada, a mais necessitada».

Os Estatutos encontram-se (no Museu Pio XII) em bom estado de conservação, protegidos por originária encadernação em pele. A caligrafia é bem legível. Um índice, em letra bem desenhada, serve de pórtico ao documento, que iremos transcrever.

Na transcrição, resolvemos respeitar religiosamente o original. Alguma interferência nossa aparece colocada entre parênteses rectos.

«Estatutos, para o Conservatorio das Meninas Orfaãs

Tem a constante observação dos tempos abundantemente demonstrado, que os primeiros documentos, que o homem recebe em sua infancia, são quasi sempre os que decidem o seu carácter; e ulteriôr destino na idade mais adúlta; e que a origem fecunda da mayor p[ar]te das desordens, que opprimem as sociedades, he certamente o lamentavel descuido, que vulgarmente ha em dar com tempo ás idades tenras os primeiros impulsos de huã educação sólida, e christãã. De negligencia tão funesta se vê resultar não só a desgraça infalivel dos mesmos individuos, a quem coube a infeliz sorte de huã educação livre, e negligente; mas tambem a corrupção quasi geral de todos os estados, e as immensas desordens, com que vêmos tristemente manchadas as familias, o clero, os Claustros, o Commercio, e as Artes, adonde as pessôas mal educadas nada mais podem levar, se não as suas paixões, e os seus vicios, os quaes perpetuando-se no seyo da sociedade, e passando com o exemplo de Pays a filhos, asegurão a constante permanencia de huã torrente de males, que progressivamente se hirã engroçando com deploravel estrago da espece humana.

Já mais o nosso espirito descansou com alguã attenção sobre estas reflexoens, que por huã parte não presentissemos as preciosas vantagens, que a Igreja, e o Estado podião esperar de huã boã educação da mocidade, e a poderosa influencia, que esta primordial instrução sendo bem

[fl 1v]

derigida, teria sem duvida na futura felicidade humana, e por outra nos não persuadissemos igualmente, que a civil, e christãã educação da mocidade da nossa Deocese; já mais nos devia merecer huã vista estéril, e indifferente; mas que entre os diversos objectos, que particularmente interessão o nosso zêlo Pastoral, devia ser tambem contado este importantissimo ramo de Policia Publica.

Com tudo no meyo destas considerações, que por vezes repetidas se apresentarão ao nosso espirito, não ignoravamos tambem, que nos era impossivel dar ás nossas providencias huã extensão proporsionada á importancia de tão grande objecto, e exigencia das necessidades publicas; e que na esfera das nossas faculdades, não cabia justamente hum projecto de educação, que abrangesse toda a mocidade de ambos os sexos, de que se acha povoada a vasta, e numerosa Deocese, de cujo governo estamos pela provid[enci]a Divina encarregado: porem para não privarmos inteiramente a nossa querida Esposa de bem tão singular, e que viria a ser hum de seus ornamentos mais brilhantes; determinamos derigir a nossa attenção, principalmente á mocidade Orfaã, e pobre de ambos os sexos, por ser esta a mais desamparada, a mais necessitada de recursos á sua educação, e a que com legitimo direito mais reclama o nosso cuidado, e desvelo Paternal.

Com este designio ordenamos a erecção de dous Seminarios, aonde debaixo dos olhos de pessôas graves, e consumadas se salvasse a tempo do contagio do Século, a tenra innocencia dos dous sexos, se formasse a sua razão, e se ratificasse o seu espirito, antes, que o dominio das paixoens lhe anticipasse suas maximas erradas, e sempre funestas; e aonde em fim nas sementes de virtude, que se lançassem naquelle pequeno numero de Almas, se visse anticipadamente crescer a consoladora esperança da felid[ad]e de outras muitas. Com estas vistas, e para o feliz desempenho de fins tão ven-

[fl 2]

turosos, depois de ordenarmos os Estatutos, que devem servir á regular educação, e instrução dos Meninos Orfãos, prescrevemos agora aqui as normas a que as Directoras do Conservatorio das Meninas deverão singir-se na direcção, e instrução das mesmas Orfaãs.

Seria inverter todas as idéas do bom senso, pensar, que as mulheres, a quem o proprio sexo constitue em lugar subalterno na ordem da sociedade, e aparta dos Empregos publicos da Religião, e do Estado, não merecem a fadiga, e o desvelo de huã educação sólida, e regular; pois sendo ellas tão sabiamente destinadas pela natureza a desempenhar hum dos devêres mais augustos da sociedade domestica, como he dictar á nascente especie humana os primeiros elementos da educação fizica, e moral desta educação, de que tanto depende a sorte do Mundo, como poderião felizmente cumprir com este grande devêr, se ellas mesmas não fossem igualmente bem educadas? Alem de que ninguem melhor do que huã Mãy sabia, e vigilante poderá desempenhar este importantissimo Magisterio; não só porque tendo sempre a seus filhos entre os braços pode mais facilmente conhecer os seus gostos, os seus desejos, e todas as suas inclinações, a fim de aproveitar-se com tempo das primeiras faiscas da sua razão, para inspirar naquellas Almas ainda tenras as sementes preciosas das virtudes christaãs; mas tambem porque tendo-lhes a natureza concedido o mais vivo sentimento de ternura para com seus filhos, só ellas poderão fazer em si mesmas invencivel aquella constancia necessaria, para sustentar as fadigas laboriosas, e enfadonhas da primeira educação.

Nesta inteligencia, procuramos quanto nos foi possivel estabelecer nestes Estatutos as normas, que nos parecerão mais adequadas, a formar nas Meninas do Conservatorio hum carácter religioso, humano, civil, e discreto, qualidades, que tanto fazem

[fl 2v]

recomendaveis as pessoas do seu sexo, e lhe dão huã parte tão assignalada na ventura, e na felicidade do género humano.

Capitulo 1º

Da subordinação do Conservatorio, e ordem das pessoas a quem se encarregará o seu governo

Como o destino do Conservatorio he a bôa, e christaã educação das Meninas Orfaãs do nosso Arcebisado, e a sua instrução nas habilidades proprias do seu sexo, permanecerá sempre debaixo da nossa inspecção immediata; e as Pessoas a quem encarregar-mos o seu regimen, e direcção, não só nos deverão prestar a devida obediencia, mas tambem de nós receberão todas as ordens e instruçoens, que convenientes forem á prosperid[ad]e, e augmento espirital, e temporal deste pio estabelecimento.

A direcção espirital das pessoas, que habitarem dentro do Conservatorio, será encarregada a hum Capelão, Confessôr, ou P[adr]e espirital, que deverá administrar-lhes os Sacramentos da Igreja, e o saudavel pasto, da Divina palavra, e velar a fiel, e exacta observancia destes Estatutos, e contribuir quanto lhe for possivel com a sua prudencia, zêlo, e conselho, a tudo o que for do serviço de Deos, bom nome, reputação, e crédito do Conservatorio.

A superioridade no governo interno do Conservatorio, deverá pertencer a huã, que com o tituto de Superiôra, ou Directôra, terá o primeiro

[fl 3]

lugar na Commuidade, cuja primazia deverá consiliar-lhe o respeito, veneração, e obediencia do resto de todo aquelle Corpo, e alem de huã influencia geral em todos os off[ic]ios, e empregos do Conservatorio, que o carácter de Superiora e chefe daquella sociedade lhe concede; deverá alem d'isso incumbir-se particularmente da educação moral das Meninas.

Haverá huã Coadjutora, ou Escrivaã, q[ue] auxiliará a Superiora nas funçoens do seu laborioso emprego, e terá a intendencia na Enfermaria, e juntam[ent]e terá a seu cargo o passar a limpo as contas da Caza nos seus respectivos livros; e o tempo que lhe restar, se empregará no ensino da Aula de Cima. Esta terá o segundo lugar na ordem da Commuidade, e prezidirá ao governo, estando impedida a Superiora.

Haverá outra Mestra, a quem pertencerá a economia temporal do Conservatorio, e com o titulo de Provisôra, se incumbirá do provimento dos viveres necessarios á sustentação da commuidade, e das Meninas, como tambem dos reparos e asseyo da Caza, assistencia da Dispensa, Cozinha, e Campo, e todos os mais objectos relativos á subsistencia, e administração temporal do Conservatorio.

Haverá huã Rodeira, que tambem administrará a Sachristia. Esta será de huã provada vida, zêlo, e costumes, de sorte, que possa desempenhar fielmente todas as obrigaçoens anexas aos d[it]os empregos.

Haverá outra Mestra, que auxiliada pela Coadjutôra, e por alguãs Meninas mais aptas, ensinará na Aula de Cima, a lêr, escrever, contar, rendilhar, bordar, costura branca, e de côr, e fazer meya.

[fl 3v]

Haverá outra Mestra, para a Aula dos Teáres, e esta terá á sua inspecção o vigiar a fiação das Meninas nas noutes de inverno.

Haverá outra Mestra, para a Aula Publica de fora, proporsionada, para desempenhar fiel, e exactamente a d[it]a obrigação, e terá tambem esta a inspecção das fiaçoens, juntamente com a outra Mestra dos teáres, auxiliando-se huã á outra.

Haverá tambem outra Mestra p[ar]a a Cozinha, a qual ensinará as Meninas tudo que he relativo ao mesmo lugar, vigiando muito, e ensinando-as a cozinhar com limpeza, zelando quanto lhe for possivel o sustento, e remedios das doentes, e que seja feito ás suas horas competentes, e ao mesmo tempo, que não haja desperdiço das lenhas; e que tudo se faça com a economia possivel; e igualmente fará observar ahi mesmo as regras da Casa, tocantes ao silencio, rezas etc; e o tempo, que restar da Cozinha, as fará occupar em algum trabalho, conforme a sua esfera.

Recomenda-mos a todas as pessôas, a quem encarregar-mos os sobreditos mines-terios, e serviço do Conservatorio, que se empenhem em trabalhar com todo o zêlo, e actividade possivel nos differentes ramos de administração, que lhes forem distribuidos, contendo-se cada huã dentro dos prefixos lemites a que se estender a esfera da sua commissão, sem já mais procurar intrrometer-se nos ministerios, e funçoens, que não forem da sua competencia: exceptua-mos com tudo desta regra, a Superiôra, á qual pela sua superioridade compete applicar de continuo huã vigilancia benefica, e activa a todos

os referidos ramos de administração; levando sempre as suas vistas a tudo o que poder contribuir ao serviço de Deos, prosperidade do Conservatorio, e boa educa-

[fl 4]

ção, instrução, e ensino das Órfãs.

E para que para o futuro não se originem inconvenientes, que tolhão a boa obra, que intentamos na erecção do Conservatorio, os quaes serão talvez indispensaveis, se a dita Caza de educação ficasse com alguma dependencia, e subordinação ao Recolhimento de S. Domingos, que lhe está contiguo: ordenamos; que o referido Conservatorio permaneça em huã omnimoda izempção, e independencia do d[it]o Recolhimento, e Superioras delle, sem que já mais em tempo algum possam mudar, alterar, e reformar cousa alguma das que deixamos aqui estabelecidas. Ficando sempre, não só a Caza material, mas o mesmo terreno da Cerca, que temos anexado ao Conservatorio, proprio delle, e destinado ao uso, e serviço das Educandas.

Alem do referido, se deverá observar o seguinte:

1º Nenhũa pessoa do nosso Conservatorio receberá Cartas, nem as mandará para fora, sem serem abertas, e vistas pela Superiôra, a quem a Rodeira as entregará; assim como as que vierem de fora, sem que saibão as pessoas p[ar]a quem ellas vierem; pois o devem saber da Superiôra, e esta he a que deve entregar á Rodeira as que sahirem p[ar]a fora, e depois de fechadas, já mais tornarão ás mãos das suas donas; exceptuando só as dos Confessôres ás quaes só a Superiora deve ler o subscripto.

2º Não poderão hir á grade, sem escuta, e licença da Superiôra; e as Educandas só poderão falar aos seus parentes, ou a quem estiver no seu lugar, de dous em dous mezes; para evitar a distracção, e decipação do tempo. As Mestras porem o poderão fazer com mais frequencia; mas sempre debaixo do arbitrio, e vigilancia da Superiôra, e sempre com hábito, e Véo pelo rosto, excepto a Pais, e Irmãos, mas com escuta, a qual terá a chave da Roda; mas não poderão entregar cousa alguma de dentro p[ar]a fora, ou receber

[fl 4v]

de fora para dentro, sem se ver o que he, e se convem, que se entregue: nem tão pouco a escuta poderá acceitar Cartas, p[ar]a passar por esta Roda, porque isso só pertencerá á Superiôra, e Porteira.

3º Haverá huã Aula publica na Portaria, na qual se observará relativamente, e pelo modo possivel o regulamento da interiôr; e nesta se attenderá com preferencia, ás Meninas pobres, caso se não possam acceitar todas as pertendentes, por serem muitas.

4º Não haverão Criadas, por ser de summa importancia, que as Meninas se instruaõ tambem na occupação, que seria propria das mesmas Criadas; e a Superiôra as fará empregar todas nesta occupação alternativamente, ou obrará o que julgar, que mais convem.

5º A Superiôra nos proporá as Officiaes, e Mestras para serem por nós, ou por nossos Successôres approvadas.

6º Observar-se-há tambem no Conservatorio a mesma clausura, que no Recolhimento de S. Domingos, q[ue] lhe he contiguo; não se permittindo já mais o engreço nelle, sem nossa especial licença, ou dos nossos Successôres, a pessoa alguma: excepto ás que forem indispensavelmente necessarias: como se pratica nos Conventos Regulares, da mais exacta observancia.

Capitulo 2º Da Portaria

Por evitar-mos incomodos ao Recolhimento, ordenamos, que o Conservatorio, se sirva pela sua Portaria da Aula de baixo, e por huã Roda, que se abrirá

[fl 5]

junto da mesma Portaria, e terá tambem o Conservatorio huã chave da porta de fora, a qual chave com todas as outras do Conservatorio, se ajuntarão á noute, e cada huã das encarregadas dellas as hirá entregar á Superiôra, aonde as tornarão a hir buscar pela manhã. A Arca do dinheiro terá trez chaves, as quaes terá huã a Superiora, outra a Escrivã, a Provisora outra.

Capitulo 3º Da Igreja

Terá o Conservatorio o uso da Igreja, Sachristia, Côro de baixo, e o ultimo de cima, etc., assim como até o presente o tem conservado, e concorrerá o mesmo Conservatorio igualmente a meyo com os gastos relativos á m[es]ma Igreja, tanto interiôres, como exteriores, sem que o Recolhimento lhe possa impedir o engreço; e farão todos os annos a sua festa ao seu Titular com Miça cantada, Sermão, e Exposição, etc, havendo para isto commodidade. E da mesma sorte farão a Novena do Natal na Igreja, com a solemnidade possivel.

Capitulo 4º Da destribuição das horas, para o trabalho

Desde meyo de Abril, até meyo de Setem-

[fl 5v]

bro, despertar-se-hão ás cinco horas, menos hum quarto, e ás cinco oração por meya hora, e depois ouvirão Missa, ouvida a qual, até as sette horas se gastará, em asseyo, e limpeza das cabeças, barrer a Caza, fazer camas, e almoçar.

Ás sette horas se abrirão as Aulas: ás oito menos hum quarto, se fará lição espiritual, por hum quarto de hora; e das oito até as nove, se guardará scilencio; ás nove, se rezará o primeiro terço; ás dés se resará a Corôa Dolorosa; das dés, e trez quartos até as onze haverá cathecismo, e no fim se tocará a exame: e depois de feito este, se hirá p[ar]a o Refectorio, guardando huã ordenada modestia, e scilencio até o fim de dar graças. No tempo da Mesa, se lerá lição espiritual por algum Livro devoto. Depois do Refectorio se recrearão até a huã hora, em recreação honesta, e decente.

Á huã hora, se tornarão ás suas respectivas Aulas, aonde guardarão scilencio até as duas; ás duas se resará o segundo terço; ás trez se abrirá a Aula publica, p[ar]a as Meninas de fora; das trez até as quatro, se ensinarão as Meninas a lêr, e escrevêr; ás quatro, darão

a merenda; as cinco, o segundo terço¹; ás seis e meya, hum quarto de lição espiritual; ás sette se fará oração mental por meya hora, e no fim Refectorio. Acabado este se recrearão até as nove e meya, e depois exame geral, e acabado, se recolherão a seus dormitórios, aonde guardarão silencio até o fim da oração do dia seguinte.

Diferença no tempo de Inverno

Desde 15 de Setembro até meyo de Abril, despertar-se-hão ás seis horas, menos hum quarto: ás seis se fará oração por meya hora, e no fim Missa; e depois desta até as oito, se fará o mesmo, que fica dito no tem-

[fl 6]

po de Veram; ás oito se abrirão as Aulas, e todas as mais cousas se farão, como no tempo de Veram, só com a diferença de ser mais tarde huã hora, e tambem se omitirá o quarto de lição espiritual, o qual se fará como logo se há de dizer.

O Refectorio de manhã será sempre ás mesmas horas, que de Veram, com tudo o mais, que no d[it]o tempo fica declarado, até as quatro horas da tarde. Neste tempo de Inverno, se fará de tarde meya hora de oração mental ao despegar dos trabalhos, logo assim, que se não vir, para trabalhar. Ás sette horas se rezará o ultimo terço; ás oito se hirá para o Refectorio; ás nove meya hora de lição espiritual, a qual se fará trabalhando; ás nove e trez quartos, exame geral; e ás dés horas se recolherão, guardando a mesma regra acima recômendada.

Nos Domingos, e dias Santos, se rezará tudo, que fica d[it]o nos mais dias, com a diferença de haver dobrado tempo para o cathecismo, e para a lição espiritual, e se visitará a Via Sacra, a qual haverá tambem ás 6.as feiras / não havendo dia Santo na Semana / e no tempo da Quaresma, haverá tambem ás 4.as feiras. Jejuarão ás 6.as feiras; e na Quaresma, tambem ás 4.as e Sábados, cujo jejum, lhes poderá dispensar o P.e Capellão, attendendo nisto ás suas idades, e compleixão, p[ar]a o q[ue] tomará a informação da Superiora.

As Meninas farão todos os annos seus exercícos espirituaes, principalmente aquellas a quem o P.e Capellão, e a Superiôra julgar, que mais lhe convem, cujos dias, nem serão menos de cinco, nem excederão de dés.

[fl 6v]

Capitulo 5º Dos Véos, etc

As Mestras do nosso Conservatorio usarão do Habito do Patriarcha S. Domingos, conforme as do Recolhimento, e não apparecerão a pessoa estranha de fora, excepto a

¹ Haverá aqui um engano. Pelas contas, seria o terceiro terço e não – como de certeza por lapso escreveram – o segundo.

Pais, ou Irmãos, sem Véio pelo rosto, e no campo lhe dispensamos o uso delle diante do Ortelão, em razão d'este ahi ser assiduo.

Capitulo 6° Do Numero das Meninas

Por quanto presentemente o Conservatorio só precebe o Beneficio, e fructos de Martim, a terça parte dos ditos de S. Payo de Vizella, e a pensão de Lamaças; poderá somente conservar quarenta Meninas pobres, cujo numero lhe determinamos: e realizando-se a união do Beneficio de Cervaens, crescerá então o d[it]o numero a nosso arbitrio, ou de nossos Successôres. Poderão tambem nelle entrar alguãs Porsionistas, que pagarão sua competente congrua para a sua sustentação, e educação: a entrada porem, e sahida destas, será regulada, segundo as nossas determinaçoens, ou licença.

[fl 7]

Capitulo 7° Do bom exemplo, que a Superiôra, e Mestras do Conservatorio devem dar ás suas Educandas

Como a infancia por effeito da sua organização tenra, e delicada he susceptivel de todas as impressoens, que em seus sentidos operão as acções, e modos das pessôas, que as rodêão, quando ellas são proporsionadas a excitar a corrupção da natureza, gravando-se profundamente na sua Alma, vem a ser hum secreto ressorte, que incessantemente a encaminha para o mal. O espirito humano, que naturalmente se acha em huã perpetua tendencia a acção, faltando-lhe na criação as noções, e conhecimentos sufficientes a manter em exercicio as suas faculdades, nada mais faz do que vêr, e ouvir o q[ue] se diz, e o que se faz, e julga ser-lhe licito, e permitido tudo quanto vêem fazer aquelles, que estão encarregados da sua educação. «As crianças, diz o Sabio Authôr da Escolla dos costumes, naturalmente imitadôras, observão attentamente as mais pequenas acçoens das pessôas, que as governão, para obrar segundo o modelo que tem presente, estudão com cuidado os seus affectos, e as suas lingoagens, para amar, ou aborrecer o seu exemplo; e espião com delicadesa, e sagacidade os seus defeitos, ou para se escuzarem, ou para se dispensarem da confiança, e respeito, para aquelles, que lhos deixão preceber».

Em consequencia destes principios, he claro, q[ue] o bom exemplo he o primeiro devêr, e o mais indispensavel naquellas pessôas, que tem a seu cuidado a educação da mocidade. Portanto, deverão a Superiora,

[fl 7v]

e Mestras do Conservatorio desviar com cautela a mais escrupulosa, dos olhos das Meninas toda a acção, ou palavra, que as possa escandalisar, ou provocar ao mal, e que ellas não possam imitar sem perigo de offender a Deos, e ao proximo: respeitarão a sua presença com especie de religião, não deixando já mais reluzir em sua conducta signal algum de vaidade, immodestia, ambição, soberba, leviandade, juramentos, mentiras,

murmuraçoens, inimisades, palavras dissolutas, ou de qualquer outra cousa, que seja, ou se assemelhe ás paixoens, e affectos da natureza corrompida: empenharão igualmente a sua vigilancia e cuidado, para que ás mesmas Serventes do Conservatorio já mais se permittão estas liberdades, sempre funestas á boã educação da mocidade.

Não só deverão observar, impreterivelmente esta importante cautela; mas procurarão fazer hum copioso provimento de Meninas saudaveis, que saibão felizmente inspirar em as aççoens oportunas no espirito das Meninas, a fim de as premunir contra todos os referidos vicios. E o que he mais essencial, apoiarão sempre as suas doutrinas em huã conducta irreprehensivel, mantendo-se em huã piedade sólida, e verdadeiramente christã, para trabalharem com fructo, e benção na santificação das Almas, que lhes estão encarregadas, offerecendo-se a seus olhos penetradas do Amor de Deos, da caridade, humildade, paciencia, resignação, desprezo proprio, e das cousas caducas, e do desejo mais ardente dos bens eternos; mostrarão incessantemente todas estas virtudes em suas aççoens, palavras, e conduta, a fim de que da sua plenitude participem felizmente as Meninas, que educação.

[fl 8]

Esta he, diz hum illustrado Escripôr, a grande Artemagia da educação: se a mocidade não tivesse diante dos olhos se não exemplos de virtude, os homens não seriam viciosos; e na verdade as instrucçoens mais belas de virtude, e probidade, que se derem ás Meninas, se tornarão sempre inuteis, e infructuosas, se os costumes, e conduta das Mestras as não sustentarem; pois ainda que empenhem as maximas mais exactas, e mais severas da sabedoria, se os seus costumes as desmentirem, nada mais farão, se não acostuma-las a crêr, que a virtude não he mais do que hum nome, e que os seus ditames são apenas huã lingoagem vã, e arbitraria: esta perniciosa contradição de maximas, e de costumes, he capaz de arruinar as mais bellas imprezas de educação, e de tolhêr os espiritos mais bem formados, e que alias nascerão com as mais felices disposiçoens p[ar]a a virtude.

Capitulo 8º

Da caridade com que a Superiôra e Mestras do Conservatorio deverão trabalhar na boã educação, e instrução das Meninas.

Todos os documentos, que prescrevêr-mos para a boã educação das Orfãs, já mais serão sufficientes a fecundar os venturosos fins, que nos propômos em tão pio estabelecimento, entretanto que as pessoas a quem encarregar-mos o seu ensino, e direcção se não deixarem penetrar de hum amôr verdadeiramente

[fl 8v]

Maternal, de huã caridade áctiva, e benéfica em promovêr os verdadeiros interesses das suas pupilas, levando as suas vistas a tudo o que poder contribuir á sua boã, e christã educação. Assim deveráõ as Mestras das Meninas Orfãs considerar-se como outras tantas Mãys daquela numerosa familia, prestando-lhe de continuo os bons officios de socorro, alivio, conselho, e instrução, q[ue] exigirem as suas necessidades, e differentes urgencias, de maneira, que a sua conduta nada mais seja do q[ue] huã perene effusão de amôr Maternal, zêlo, e caridade.

Esta virtude celeste, que Jesus Christo Senhor N[osso] trouxe sobre a terra, e cujos brilhantes carathéres ennumerou o Appostolo com tanta sabedoria, lhes ensinará o cuidado, o disvêlo, e exatidão com que devem trabalhar na sanctificação, e instrução das suas pupillas, e os meyoos proporcionados a formar nellas aquelle espirito de bondade, e de rectidão, que tanto acredita as pessôas bem educadas. Igualmente mostrará esta preciosa virtude quanto allheya he da sua verdadeira indule aquella froixa, e baixa condescendencia com que vulgarmente a costumão confundir aquellas pessôas que são naturalmente brandas, e indulgentes; a qual tão longe está de contribuir a boa educação da mocidade, que antes a faz senhõra das proprias vontades, e dos seus caprichos, em tempo mesmo em que lhe falta a circunspecção, prudencia necessaria para bem se derigir.

Huã caridade illustrada destingue sabiamente as circunstancias em que será necessario, ou conceder, ou recusar ás crianças o que deseção, ou para attender á sua fraquesa, e leviandade, ou para a

[fl 9]

fortalecer, e corrigir; porem jámais se deixa corromper por huã indulgencia branda, e cheya de nimia complacencia, bem persuadido, que este modo de tratar a infancia, a faz livre, desobediente, e orgulhosa. Nada tem mostrado a experiencia mais pernicioso á boa educação do que esta froixidão, e baixaza de espirito nas pessôas que derigem. He necessario, que esta caridade seja alegre, afavel, e terna, mas ao mesmo tempo, grave, séria, e modesta; não deve sêr áspera, sevêra, e inflexivel; mas deve ter toda a constancia, e firmeza, p[ar]a a fazer cumprir com os seus devêres.

Deve ser tambem vigilante, e circumspecta, observando sempre de perto as Meninas, e vigiando sobre todas as suas aççoens, palavras, e modos para bem conhecer todas as suas inclinaçoens, cultivá-las, quando forem boas, e remediá-las oportunamente quando seão defeituosas; porem jámais para isto usarão de artificios, enrêdos, espreitas, pois convem muito, que as Meninas jamais suspeitem nas suas Mestras semelhantes intençoens, alias estarão sempre prevenidas, nunca mostrarão o seu carácter natural, e se acostumarão á vileza do disfarse, do fingimento, e decimulação, que sempre oppozerão obstaculos invensiveis á boa educação. Por esta causa, devem a Directõra, ou Superiõra, e mais Mestras, revestirem-se de hum ár sincero, simplez, e fácil, mas sem baixaza, e excesso, de maneira, que ganhem o coração das Meninas, e lhes inspire candura, sinceridade, persuadindo-as, que nada fazem, nada obrão a seu respeito, que não tenha por fim o seu bem, a sua felicidade, fazendo-lhes sentir quanto ganharão sempre com a sua candura, e remunerando aquellas, que mostrarem mais este carácter, de modo, que todas se animem a confiar-lhes

[fl 9v]

os seus segrêdos, a expôr-lhes os seus desejos, e revelar-lhes até as suas faltas, e defeitos. Em huã palavra, obrarão com as suas pupillas de tal modo, que ellas não tenham mayor prazêr do que estar na sua prezença, gozar da sua companhia, ouvir as suas instruçoens, e praticar as suas maximas, e concelhos.

Deverá tambem ser universal, applicando-se ao bem, e utilidade de todas, sem conhecer destinação nas pessôas, ou fazer dellas acção alguã. Esta predilecção, e affecto particular, he hum vicio inteiramente repugnante á verdadeira caridade, e summamente prencioso á boa educação: com tudo, por desgraça, não deixa tambem de sêr nas escollas

de educação mais ordinario, do q[ue] talvez se imagine. He portanto indispensavel, que as Conservadôras evitem com attenção mais apurada este vicio detestavel; reflectindo, que toda a preferencia de amôr, e de estimação, que mostrarem, de huãs Meninas a respeito de outras, não deixará de alterar a paz, a boã armonia, que deve reinar entre ellas, e será a funesta origem de mil discordias, invejas, e antipatias; exporá a sua auctoridade ao desprezo das descontentes, perderão estas o respeito, e attenção, que devem ás suas Mestras, e tornarão inuteis todos os meyo, que se empenharem, p[ar]a a sua boã educação: por outra parte as preferidas, conhecendo-se authorisadas pelas suas Mestras, fácilmente virão a tomar sobre ellas hum ascendente tal, que não só as farão servir aos seus caprichos, mas até se farão superiôres ás outras, e para as abater as farão odiosas, e lhes imputarão faltas, e defeitos, que talvez não comettessem.

Não deixarão com tudo de inspirar nas Meninas aquella sábia emulação, que muito pode contribuir ao seu feliz aproveitamento: louvarão todas

[fl 10]

aquellas em quem virem reluzir boãs qualidades, ainda em sua propria prezença; observando sempre a cautella de as desviar da vaidade, mostrando-lhes, que todo o bem, que temos he hum dom gratuito, que o Senhôr livremente nos concede, hum beneficio singular da sua suprêma bondade, e que em nós nada há se não corrupção, e miseria, e que em fim por esta causa se deve referir sempre o bem que fazemos á sua legitima origem, e nunca attribui-lo a nós mesmos, com injuria manifesta do seu verdadeiro Aucthôr. Apreciarão muito diante das mais negligentes estas mesmas boãs acçoens, p[ar]a lhes servir isto de poderoso estimulo, p[ar]a as imitarem; mas usarão sempre de toda a prudencia neste particular, fazendo-lhes comprehender, que a virtude he só quem lhes merece este louvôr, e estimação, que só os merecimentos sólidos he que lhes consilião os affectos, que estão promptas a amar a todas aquellas, que o merecerem pelo seu bom comportamento virtuoso, que logo, que virem praticar as mesmas acçoens, lhes mostrarão com provas effectivas o mesmo apreço, e estimação. Se as Conservadoras procederem com este espirito de rectidão, e de justiça, jámais veráõ nascer entre as Educandas os inconvenientes, q[ue] huã predilecção carnal faria indispensaveis.

Capitulo 9

Da authority, e respeito com que as Conservadoras devem inspirar as suas Educandas, para bem acreditarem as suas instruçoens

A estimação, respeito, e obediencia de huã

[fl 10v]

Menina, para quem a educa, he hum affecto tam justo, e honorifico, á sua condição; como necessario, e essencial ao seu bom ensino. A infancia naturalmente dócil, e susceptivel de disciplina, toma com facilidade todas as direcçoens, que pertende dar-lhe aquella mão, cuja authorid[ad]e respeita, e acredita. O primeiro sentimento pois, que as Conservadoras, ou Mestras deverão exigir das suas pupillas, será todo o respeito, e consideração correspondentes ao ser carácter, procurando conservar sempre de hum

modo firme, e igual aquelle tom de superioridade, que o seu emprego lhe concede, não consentindo jamais, que este respeito seja impunemente violado, e vigiando cuidadosamente sobre si mesmas, para lhes não deixarem verem suas acçoens, e modos cousa alguã, que as não faça estimaveis; pois como poderão consiliar o respeito, e veneração das Meninas, se a seus olhos se offerecem em hum ár rediculo, ou desprezivel?

Portanto deverão reflectir, que trez são as causas principaes, que de ordinario destroe na infancia o credito, e a estimação de quem a educa. Primeiramente huma familiaridade nimia, rir, brincar, gracejar, e intreter-se com as mesmas crianças em outros jogos, e divertimentos puerís; esta nimia familiaridade, lhes faz considerar como iguaes aquelles mesmos, a quem devem o mayor respeito, e facilmente vem a dispensar-se desta obrigação tão sagrada, como indispensavel: em segundo lugar, fazerem as pessôas, que derigem a educação dos Meninos apparecer na prezença delles os proprios defeitos e faltas; as quaes desacreditando sempre a quem as comette, quando os Meninos chegam a notá-las nos costumes de seus Mestres, promptamente perdem o respeito, estimação, e obediencia, que lhes devião tributar: ultimamente a inconstancia dos preceitos e ordens, que lhes impõem, ou a sua imprudencia; pois sendo ou impraticaveis, ou desarrazoados, serão

[fl 11]

outros tantos mandamentos inuteis, que ou será necessario revogar, ou ficarão sem observancia; acostumando-se deste modo os Meninos a transgredir as detreminaçoens, que lhe são impostas, ou porq[ue] se julgão dellas dispensados, ou porque esperão poder viola-las impunemente.

Em consequencia destes principios, huã Mestra hábil nas ordens, que impõem ás suas Educandas, procura sempre derigir-se com prudencia, e sabedoria, busca primeiramente tentiar as suas forsas, a viveza e inergia do seu carácter, e das suas inclinaçoens, empenha-se depois em fazer-lhes agradável o mesmo, que lhes determina, e trabalha sempre porque venhão a fazer com gosto, e alegria o que deseja, que ellas fação: com estas prevençoens mantem sempre irrevogaveis, apezar de qualquer pretexto, as ordens huã vez estabelecidas, entretanto que premanecem as mesmas circunstancias, a fim de que nunca jamais possa mostrar fraqueza, ou parecer desarrazoada. Deverão pois as Conservadoras estar na intelligencia de observar todas estas cautelas, e derigir-se com esta prudencia, e sabedoria, para acreditarem as suas Pessôas, e nunca comprometterem a sua auctoridade, e o respeito, e obediencia, que as Meninas lhes devem prestar.

Capitulo 10

Da correção, e do castigo, para emendar as Meninas dos seus defeitos

Se he hum appendix proprio, e inseparavel

[fl 11v]

da infancia, assim como da humanidade o ter faltas e defeitos, tambem he huã obrigação impreterivel de caridade, e de justiça naquelles a quem está confiada a educação da mocidade, empregar oportunamente a correção, e o castigo, não só para expiar estes mesmos delictos, mas tambem para impedir, e suspender as tristes consequencias,

que da sua decimulação poderião resultar na idade mais adulta. Seria inverter todas as regras do bom senso, se por huã falsa compaixão, ou ternura desordenada faltassem á obrigação, digo, á satisfação de hum devêr tão justo, como indispensavel; pois com esta cruel indulgencia, não só incorrerião tambem nas mesmas faltas, e transgressoens comettidas, mas tambem se farião responsaveis de todos os peccados, e desordens, que na serie dos tempos produzissem as paixoens, e os vicios consentidos, e authorisados.

Com tudo esta verdade tão luminosa, desgraçadamente se vê muitas vezes corrompida no uso prático de hum recurso tam importante, e tão essencial á boã educação, e ensino. A força de apurar os direitos da justiça, se offendem os da humanidade, e com o excessivo temor de evitar hum extremo, se vem a cahir em o outro contrario, e não menos prejudicial: de ordinario he antes a paixão, a ira, a colera, quem prezide á corrêção da infancia, do que a razão, a sabedoria, o zêlo, e a caridade; de maneira, que o Zuiz castigando, se torna ainda mais culpado do que o mesmo Reo delinquindo. E que pode resultar de huã severidade tão dura, e de hum rigôr tam cruel, e injusto? Se não inspirar na mocidade as mesmas paixoens, e formar-lhe hum carácter duro, inflexivel, e obstinado.

Deverão portanto reflectir as Conservadôras, que a corrêção, e castigo, será tanto mais proveitoso,

[fl 12]

quanto mais se ajustar ás regras da prudencia, e da descripção; quanto mayor for a doçura, e suavidade das suas demonstraçoens, tanto mais facil lhes será conseguir das Meninas, que amem a ordem, a regularid[ad]e, e exactidão. A cólera misturada com o castigo, diz hum Sabio Escriptôr / he hum verdadeiro veneno misturado com huã medicina saudável: Hum zêlo discreto, huã caridade illustrada, procura sempre evitar todo o excesso, e une tam sabiamente a doçura, com a severidade, que conservando o amôr de Mãe, se reveste do ár, e do caracter de Juiz; castiga com tanta circumspecção, que se faz amavel, e ainda quando he temivel, e parecendo suave he contudo sevêra, e constante nas acçoens de mayor importancia.

Para simplificar-mos porem este artigo, e evitar-mos a desordem, e abusos, que poderião resultar, se todas as pessôas a quem confiar-mos o regimen, e administração do Conservatorio se permitissem igual direito, para punir, e castigar as Meninas delinquentes; determinamos, que a correção, e castigo das Orfãs seja da privativa intendencia da Superiora, á qual como Chefe daquella Sociedade he que propriamente deve pertencer.

Salvo quando a falta, ou defeito se versar em objectos proprios da commissão das outras Mestras; mas ainda nestes casos, se a falta não arguir malicia, ou desordem de consequencia, na Menina, q[ue] a perpetrar, bastará, que a Mestre a quem competir, a reprehenda com suavidade, e caridade; se porem a falta, ou defeito for notavel, e de mayor consideração, deverá primeiro tentar todos os meynos de doçura, e suavidade, e quando este procedimento de moderação não produzir a desejada emenda, deverá relatar á Superiôra, assim como a culpa, e os meynos, que para a sua emenda se tentarão inutilmente.

[fl 12v]

Em consequencia desta accusação, procederá a Directôra com espirito socegado, e sem paixão, ou prevensão ao exame da falta; e conhecendo, que ella procede de

hum interiôr malicioso, ou de hum carácter corrumpido, e que a suavidade, doçura, e moderação não forão sufficientes a curar a chaga, em tal cazo será necessario recorrer a hum procedimento mais sevêro, evitando com tudo todo o signal de cólera, ira, ou ressentimento, tendo sempre em vista a sentença do Sabio, e illustrado Fenelon, que o temôr, os castigos hum pouco mais sensiveis, são semelhantes aos remedios violentos, que se empregão nas enfermidades extremas, os quaes purgão, mas ao mesmo tempo alterão o temperamento, debilitão, e enfraquecem a organisação. As faltas, que se devem reputar notaveis, são, por exemplo, a mentira, fingimento, a mormuração, o ódio, á insulencia nas palavras, a soberba, a ira, a inveja, as injurias, os discursos livres, a falta de pejo, a impurêsa, ainda nas cousas minimas, a desobediencia, a perguica no trabalho, a negligencia nas obrigações, para com Deos, ou para com o proximo, o amôr á ociosidade, ao regalo, á sensualidade, ao prazer, etc. Estas faltas, quando se revestem de alguã circumstancia aggravante, como de huã intenção decidida de as cometer, e de obrar mal, ou procederem de habito vicioso, de reincidencias repetidas, passarão a considerar-se como crimes da primeira ordem, e jamais se deverão perdoar, ainda que a criminosa as reconheça, e dellas peça perdão, mas deverá a Superiôra castigá-las na forma seguinte.

Privará a Delinquente de toda a afabilidade, e amisade, que ate ali lhe tinha manifestado, e regulando-se segundo a grandêsa, e enormidade da falta, acrescentará todas as outras privações, principalmente daquellas cousas, que mais merecem a estimação, e apreço da culpada; durante o tempo do castigo, prema-

[fl 13]

necerá em hum interiôr despresivel, e se lhe negarão todos os seus divertimentos; a Superiora passará ordem a todas as pessôas do Conservatorio, que tratem a criminosa com hum ar frio, e scilenciôso, não se attenderão as suas promeças, quando a experiencia tiver mostrado, que ellas são inefficazes, mas só o merecimento a deverá restabelecer ao seu antigo estado, e graça, a qual jamais se concederá, se não ao excesso da sua dôr, e á sua boã conduta; e quando emfim a culpada tiver dado provas bastantes, e continuadas de huã emenda decidida, e sincêra, que não seja nem fingida, nem rezervada, então lhe serão concedidos os seus ordinarios vestidos, e as suas recreações, a Superiôra, e demais Mestras lhes restituirão a sua amisade, carinho, e afabilidade, fazendo-lhe sentir bem toda a differença do seu novo estado, e a doçura, e preciosidade dos bens de que a sua culpa, e delicto a tinha privado.

Tal era o méthodo com que o Sabio Fenelon corrigia os excessos de seu nobre pupillo o Duque de Bergonha. Quando este Principe cahia em algum dos excessos proprios da sua infancia, aquelle grande Mestre de educação deixava passar estes primeiros momentos em que as vozes da razão não seriam talvez attentamente escutadas; mas desde aquelle instante todos quantos o rodeavão tinham ordem de servi-lo em scilencio, e de lhe mostrar hum rosto triste, e sombrio; suspendião-se os seus exercicios, e divertimentos ordinarios, parecia, que ninguem ousava communicar com elle, e que se não reputava digno de fallar com os demais homens; então aquelle Mancebo, tocado da solidão em que se via, e aterrado com o espanto, q[ue] elle lhe causava, não podendo viver nem comsigo, nem com os outros, corria a supplicar a graça, e o perdão; nestas conjuncturas, o hábil Mestre aproveitando-se de vantagens tão felices, fazia sentir vivamente ao Principe a vergonha, e o excesso das suas desordens; a sua

[fl 13v]

voz paternal penetrando o coração do Discipulo humilhado, aberto, e patente á verdade, e ao arrependimento, produzia nelle os mais vivos sentimentos de dôr, e compunção, e as lagrimas sinceras, que elle derramava afiansavão a sua futura emenda.

Se as Meninas do Conservatorio tiverem hum carácter sensível, e hum espirito dócil, bastará hum igual procedimento para as corrigir, e emendar dos seus defeitos. Quando porem todas estas caritativas demonstraçoens não bastem p[ar]a ellas se corrigirem, de maneira, que continuem, e presistão nas suas aççoens viciosas, mãos hábitos, poderá a Superiôra passar a castigos mais severos, como subtracção de alguã parte do alimento, alguns golpes de palmatoria, e outros castigos semelhantes, evitando sempre os açoutes de que ordinariamente se usa com as crianças, por se não conformar este genero de castigo com as regras da modestia, e da decencia; e lhes fará entender, que emquanto não mudarem de conduta, tambem não afroixaráõ no castigo; tendo sempre o cuidado de persuadir-lhes e de as capacitar, que se as castiga, não he por crueldade, nem por ódio, nem por paixão, nem tambem por ser inclinada á severidade; mas, que o amôr, e caridade, que tem para com ellas, o temôr de que sobre si atráhão a justiça Divina, e de que fação preverter as outras Meninas com o seu máo exemplo, e emfim, que o ardente desejo, que da sua felicidade, do seu bem he q[ue] a obriga e põem na triste conju[n]tura de as tratar com aquella severidade; pois he da ultima consequencia, que as Meninas conheção, e se persuadão, que as castiga a caridade, e não á cólera, nem a paixão; que o seu proprio bem, e a sua felicidade he o unico fim da sua correcção, e que nunca o castigo iguala o excesso do seu delicto; e que emfim, quando se chega a este extrêmo he sempre com pesar, e nunca por inclinação; ou p[or]

[fl 14]

capricho. Deverá tambem a Superiôra mostrar ás Meninas, que corrigir, e castigar, he o meyo de evitar os seus defeitos, e faltas, e o remedio contrario ás suas inclinaçoens viciosas, e o modo de se vencerem, e de se moderarem nos seus excessos, a fim de que a correcção lhe sirva de medicina saudavel, as anime, e estimule a obrar, como convem, e lhes evite a amargura, e o abatimento, de espirito, que costuma causar, quando ella he seca, e despida daquellas reflexoens, que facilitão a emenda, e a conversão.

Capitulo 11

Do Directôr, e Padre espiritual

Como as pessôas, que habitão dentro do Conservatorio vivem em huã especie de clausura, e nesta consideração se podem reputar existentes em territorio separado, e izento da intendencia geral do Parocho proprio do Destricto; detreminamos, que o Directôr, ou Padre espiritual do mesmo Conservatorio seja o seu proprio Par[oc]o, e lhe assignamos por subditas, e freguezas suas todas as pessôas, que dentro delle rezidirem, ou sejam Mestras Orfaãs, porsionistas, ou serventes; e a respeito de todas lhe concedêmos huã jurisdicção igual aquella, que por Direito tem os Parochos a respeito dos seus paroquianos.

Exceptuamos porem os direitos, q[ue] os Parochos tem ao enterramento, e sepultura de seus freguezes com os outros, que são anexos, e dependentes dos referidos, e se versão sobre o mesmo objecto acima indicado; porq[ue]

[fl 14v]

nesta parte queremos, que fiquem salvos os direitos de Parocho do Destricto a respeito de todas as pessoas, q[ue] fallecerem dentro do Conservatorio.

Em consequencia da referida determinação, terá o Conservatorio hum Confessôr, Cappellão, ou P.e Espiritual, que será por Nós elleito, e approvedo, e que seja de conhecida probidade, ornado de talentos, prudencia, e luzes proporsionadas a desempenhar todos os deveres, que por estes Estatutos lhe encarregamos. Terá a sua residencia em casas proximas ao Conservatorio, para que possa prestar huã influencia mais immediata, e mais prompta ao governo, e boã administração deste pio estabelecimento. Deverá zelar, e promover com efficacia, e disvélo a fiel, e exacta observancia destes Estatutos; porá todo o cuidado em conduzir, e encaminhar p[ar]a a virtude todas as pessoas cuja direcção lhe confiamos; avisará, e aconselhará a Superiôra, e as demais Mestras, quando o socorro das suas luzes fôr necessario para ellas bem se conduzirem nas suas respectivas commissoens; procurará emfim manter em seu vigôr a disciplina regular, impedindo os abuzos, e corruptelas, que o decurso dos tempos possa occasionar; e fumentando a boã ordem, harmonia, e paz entre todos os Membros daquella Corporação, para que todos cumprão com a vontade de Deos e Nossa. Alem das obrigaçoens geraes, deverá tambem cumprir com as seguintes.

1ª Dirá todos os dias Missa na Capella do Conservatorio as horas, que já em seu lugar se determinou, á qual hão de assistir todas as pessoas do mesmo Conservatorio; e quando alguã causa justa o impedir de exercer esta impreterivel obrigação, a fará cumprir por outro Sacerdote, de maneira, que não passe dia algum, que aquella Corporação não consagre com acto tão santo, e augusto.

[fl 15]

2ª Nos dias, que a Igreja especialmente consagra ao culto de Deos, e memoria dos Santos, applicará o fructo particular do Sacrificio pelo Bem espirital, e temporal do Conservatorio, implorando os auxilios, e socorros Divinos sobre toda aquella sociedade, pedindo ao Senhôr se digne prestar ás Conservadôras sua poderosa assistencia, p[ar]a que vigiem com cuidado, e fidelidade na guarda do innocente Deposito, que lhe está confiado; que cultive, que regue aquellas tenras plantas, que as faça crescer na virtude, e na piedade, e emfim, que sobre todo aquelle Rebanho derramem abundantes Bêncãos, e delle faça hum Povo Santo, e escolhido, que neste Mundo o sirva, e no outro o glorifique eternamente.

3ª Em os mesmos dias de tarde a horas mais proporcionadas deverá fazer-lhes huã pratica sólida, e christãã, na qual se empenhe em fazer-lhes bem comprehender o verdadeiro espirito do christianismo, a santid[ad]e, e pureza da sua doutrina, e das suas maximas; procurando inspirar-lhes o amôr ás virtudes christããs, ensinar-lhes os meyoens de adquirir o precioso hábito de obrar bem em todas as suas aççoens; persuadir-lhes o ódio aos vicios, mostrar-lhes os meyoens, e o modo de vencer, e domar as paixoens da natureza corrompida, e emfim mostrar-lhes quanto o predominio destas paixoens embaraça a felicidade dos nossos destinos na ordem sobrenatural, e o estrago lamentavel, que ellas produzem até na ordem moral das Sociedades. Trabalhando por fazer-lhes sensiveis todos estes grandes objectos, usando para isso de hum estilo claro, e simples, sem artificios estudados, ou folhagem de palavras vaãs; mas grave, sólido, e que não desdiga da santidade, e Magestade da Divina Palavra, illustrando tudo com reflexoens tocantes e cheyas daquella união santa

[fl 15v]

e patética, que hum espirito bem penetrado de verd[ad]es tão sublimes sabe communicar-lhes.

4ª Huã das funções mais importantes da sua comissão, e a que se applicará com zêlo, e caridade, he a administração dos Sacramentos: ouvirá de confissão todas as pessôas, que viverem dentro do Conservatorio, não só nos dias em que forem obrigadas a concorrer ao Sagrado Tribunal; mas tambem em todos os outros da sua devoção. E para facilitar-se a pontual satisfação deste devêr, poderá regular, e ordenar as confissoens, de maneira, que todas cumprão com a sua obrigação, sem que seja necessario, que todas se confessem nos mesmos dias; assim devidirá a Corporação em turnos, que alternadam[ent]e ouvirá nos dias, que a cada hum assignalar, ficando sempre dentro do tempo, que por estes Estatutos lhe for detreminado: esta providencia porem só terá lugar, quando o numero das pessôas for tão avultado, que se não possão todas confessar no mesmo dia; pois alias se procurará sempre a uniformidade, que a boã ordem pede que haja nas Sociedades regulares. E ainda sem emb[arg]o do copiozo numero de pessôas, que deverãõ todas receber os Sacramentos nos dias de Festa mais assignalados, como Natal, Páschoa, Pentecostes etc, para o que nomearêmos alguns Sacerdotes, que o ajudem, e aliviem nas mencionadas Confissoens. Igualmente administrará os demais Sacramentos ás ditas pessôas, assim em vida, como em artigo de morte, acudindo promptam[ent]e logo que for chamado em cazo de necessidade, ou de molestia, quando esta ameaçar perigo; assistirá com summo zêlo, e carid[ad]e, não abandonando a pessoa enferma, quando mais necessita da sua assistencia, mas até o ultimo suspiro procurará animá-la com palavras de fé, com reflexoens santas, e com todos os outros socorros, que a urgente necessid[ad]e de hum moribundo reclama daquelle, que respeita como seu Pastôr, e Padre espiritual.

[fl 16]

5º Desobrigará dos preceitos Quaresmaes as referidas pessôas, e remetterá todos os annos ao N[osso] R[everendo] Provisôr, o rol de todas as pessôas, que viverem dentro do Conservatorio com huã certidão sua, em que atteste, que todas ficão desobrigadas dos preceitos da Confissão, e communhão, na mesma forma, que costumão praticar os demais Parochos.

6º Em attenção aos encargos e obrigaçoens sobreditas, receberá para sua congrua sustentação das rendas do Conservatorio o ordenado, que Nós lhe arbitrar-mos tendo a devida, e racionavel consideração dos onus, e deveres, que lhe impômos; não esperando da Corporação, q[ue] derige outro algum emolumento, ou prepina, se não o seu aproveitamento espiritual, e o serviço de Deos.

Capitulo 12

Da Directôra, ou Superiora do Conservatorio

Assim como na ordem fisica das cousas seria disforme, e monstruoso aquelle corpo, que carecesse de huã cabeça, da qual como de principio vivificante manasse a vida, o movimento, e a acção de todos os Membros, que o compunhão; assim tambem na ordem moral das sociedades seria irregular, e tomultuosa aquella corporação em que

não houvesse hum centro cômum de união, e ordem, que servisse a manter, e a conservar em as suas respectivas relações as diferentes partes, que a formavão.

[fl 16v]

Entrando pois o Conservatorio na clace das sociedades privadas, he indispensavel, que tenha hum Chefe, q[ue] a governe, e derija, que fumente, e promova a paz, a concordia, e boã harmonia entre todas as pessoas, que lhe forem subordinadas; e este será justamente o carácter da Superiôra, a qual como primaz, e directôra daquella communid[ad]e, trabalhará, com zêlo, e cuidado na prosperidade espirital, e temporal de todo aquelle corpo, animando, e vivificando com a sua virtude, prudencia, e bom exemplo todos os seus Membros empenhando a sua vigilancia para que as Mestras cumprão com o seu devêr, e não de descuidem, nem afroixem no ensino das Meninas, que as Rendas do Conservatorio sejam exactamente administradas, q[ue] entre todas reine a ordem, e a decencia, que convem; e emfim, que a Gloria de Deos, a boã, e christã educação das Meninas seja o ressorte cômum de todas as suas aççoens. Para tudo isto se servirá daquella authoridade Maternal, que o seu cargo lhe concede, e da superioridade da razão, e das luzes com que deverá tudo regêr, e governar, e ainda mais daquella força irresistivel, que a virtude tem quando se ocupa com zêlo, e desinteresse em beneficio dos outros. Esta será condecorada com o mesmo tratamento, predicados, e izençoens, que tem a Prioriza do Recolhimento de S. Domingos, que lhe he contiguo.

Alem da sua geral superintendencia, tomará tambem a seu cuidado a educação, e instrução moral das Meninas, como a traz fica dito, o que deverá cumprir com exactidão, disvélo, e suavidade, procurando ensinuar-se no coração das Meninas com aquelle ar de afabilidade, e carinho, que a caridade inspira. Porem como este artigo he da mayor importancia, e pede ser tratado com a miudeza

[fl 17]

proporsionada a fazer conhecer bem a Superiôra toda a extensão dos seus deveres; he por isso, que se faz necessario entrar em os capitulos seguintes na devida analyse dos objectos, que elle envolve, e abrange.

Capitulo 13

Da educação fizica, que a Superiora dará ás Meninas do Conservatorio

Ainda que as Meninas pela sua condição se destinem a huã vida menos laboriosa, e activa, e as suas occupaçoens se consenirão dentro do circulo das funçoens domesticas; comtudo nem por isso se deve omittir o cuidado de formar-lhes huã constituição vigorosa, robusta, e sádia: como esta porem se consegue pelo bom regulamento no vestido, comida, somno, e exercicio, se faz indispensavel prescrever aqui as Leis, que sirvão de norma á Superiôra, para bem derigir a fizica educação das Meninas do Conservatorio.

O sábio Conde de Valmont reduz a hum só preceito todas as Leys relativas a este objecto: permitti dizer, que a natureza obre com liberdade, e deixai, q[ue] ella se acostume a tudo. Com effeito he hum abuzo tão ordinario como pernicioso singir as Meninas com vestidos estreitos, e apertados, com o frivolo pretexto de lhes formar o talhe, e boã configuração do corpo. Deste erro tão funesto como vam, re-

[fl 17v]

sulta, que a respiração se dificulta, que a circulação se embaraça, e se impede, e que mil enfermidades se fumentão, e se preparão, para no decurso da idade produzirem sensíveis estragos em a sua saude, e constituição. Quando se liga o tronco a huã planta ainda tenra, e se lhe embaraça o giro natural do suco, ella se faz lânguida, e vejeta muito fracamente: assim os membros delicados das crianças perdem toda aquella forsa, e aquella vigôr, que felizmente distinguem aquellas em quem a natureza jamais foi constringida, e reforsada com estes artificios.

Por tanto cuidará a Superiôra, em que os vestidos das Meninas, alem de serem honestos, e uniformes, como pede a regularidade, e vida cômum em que se achão, sejam tambem largos, cômodos, e faceis. E como a limpeza dos mesmos vestidos, assim como do proprio corpo contribue muito não só a conservação da saude, mas tambem a boã civilid[ad]e, e policia, terá igualmente o cuidado de lhes ensinar o asseyo, e limpeza, que devem ter no vestido, mandando-lhes lavar com frequencia, compôr, e consertar, quando d'isso precisarem; como tambem o modo de pentear o cabêlo, lavar o rosto, e de mais miudezas respeitantes á limpeza, e asseyo, q[ue] pedem a urbanidade, e civilidade, tendo sempre o cuidado de as desviar de toda a affectação, e demazia viciosa, em que he facil cahir, quando se não observão os justos limites, a que precisamente se estendem a virtude, e a honestidade. Hum dos principios destructôres da humanidade, he certamente a falta de bom regulamento na comida.

As crianças de ordinario são propensas á golazisse, e demaziadamente aferradas aos

[fl 18]

gostos do paladar; persuadem-se, que sempre tem fome, e por isso sempre comem; com tudo, a bem reflectir isto, he menos huã necessidade da natureza, do q[ue] hum affecto do appetite. Se nós comparar-mos a alegria, agilid[ad]e, vivacidade, e forsa que produz nas crianças huã comida sobria, e bem regulada, com o pezo, e nôjo, máo umôr, e fraqueza, que mostrão quando comem demaziadamente, será fácil de conhecer os efeitos, que na sua constituição, e saude deverão resultar desta desordem, e irregularidade. He portanto necessario, que a Superiôra regule, e derija as Meninas o seu alimento, e comida, de maneira, que não lhes faltando ao necessario, lhe negue todo o superfluo, e que tenha cuidado de corrigir, e emendar nellas os sobreditos defeitos, acostumando-as á sobriedade, que he a baze da saude do corpo; não lhes permittindo, que comão, ou bebão fora dos tempos destinados á refeição, a qual deverá sempre ser ás mesmas horas, e persuadindo-lhes, que se contentem com o necessario á natureza, que comão indiferentemente do que se lhes apresentar, que procurem não lisonjejar o paladar, ou satisfazer ao appetite; mas para remediar as necessidades da natureza, reparar as forsas do corpo, e nunca pelo gosto brutal do appetite, e da comida. Deverá inspirar-lhes o orrôr a toda a delicadeza nesta materia, e a todos os excessos da intemperança, mostrando-lhes quanto he infame esta paixão groceira, e animal, obrigando-as a comer daquillo que menos gostarem, assim como tambem as privará alguãs vezes do que mais apeterem. Não lhes dará vinho, por ser a ágoa muito mais útil á mocidade; e mais propria a moderar os ardôres desta idade: excepto se alguã fraqueza de peito, ou outra enfermidade, q[ue] somente se possa remediar com este licôr, obrigue a conceder-lho, mas ainda neste cazo será sempre combinado com ágoa, e em pequena quantidade.

As alternativas da Atmosfera, são tambem outra causa da destruição dos viventes: as violentas commuçoens, que a natureza humana padece com a vari-

[fl 18v]

idade dos tempos, desarranjo o seu mecanismo, e organização, produzem nos corpos estragos muitas vezes mortaes; he logo da ultima consequencia, fazer menos sensiveis á natureza estas diversas mudanças, e armar a mocidade contra este poderoso inimigo, habituando-a desde os prim[ei]ros tempos a esta mesma alternativa. Os salvagens, que vivem sempre expostos a todas as inclemencias dos tempos são os mais sádios, e vigorosos; as pessôas mesmo do campo, cuja mocidade crescêo, e se fortificou em meyo do frio, e da calma, dos ventos, e das chuvas, são tambem as mais fortes, e robustas. Sempre a demaziada deligencia com que se procura acautelar as crianças destas alternativas, nada mais faz, do que amolecer-lhes, e abrandar-lhes o temperamento, e a constituição, a qual o habito contrario teria sem duvida endurecido, e feito quasi insensivel. Huã educação móle, que a forsa de melindre, e cautellas efimina a mocidade, a expõem sempre á indolencia á inacção, a perguiça, ao regalo, de maneira, que no decurso dos tempos vem a ser inteiramente inepta, e inutil.

Outro artigo indispensavel na educação fizica da mocidade he o exercicio, o qual forticando admiravelmente a natureza, e o temperamento, lhe communica aquelle vigôr, e firmeza, que são as bazes da saude, e da vida do homem.

A prepensão mesma, que as crianças tem p[ar]a o movimento, e agitação, mostra bem a necessid[ad]e, que ellas tem de exercicio: a natureza sempre infalivel na sua marcha as adverte de continuo, q[ue] se movão, e obrem; se as obrigão a estar em socego, sentem mais esta pena, do q[ue] outra qualquer; he justo pois, que se exercitem as Meninas do Conservatorio, que tenham todos os dias algum tempo destinado para este exercicio, o qual durará por duas horas, como já a traz fica insinuado, e este será no mesmo Campo, ou Pumar do Conservatorio; a Superiora, ou huã Mestra, as deverá acompanhar, e as excitará, a que se agitem, saltem, conduzão pezos, e fação outros

[fl 19]

movimentos semelhantes, procurando sempre regular-lhes com prudencia, para que o excesso da acção, ou reacção que nisto empenharem, lhes não sirva de prejuizo, e que sirva de arruiná-las aquillo mesmo, que se busca para as fortalecer. O somno irregular, e nimio intorpece o cerebro, engroça os humores, debilita os nervos, e causa outros damnos não menos perniciosos, e portanto bem se deixa ver o quanto importa regular tambem esta precizão da natureza.

Capitulo 14

Da instrucção sobre a Religião, que a Superiora deverá dar ás Meninas; e do methodo, que nella deverá seguir

Em todos os objectos de instrucção que devem entrar em o laboriozo plano de huã educação sólida, e regular, nenhuã ha que seja, nem mais glorioso, e honorifico a quem se encarrega deste grande ministerio; nem mais necessario, e interessante á mesma mocidade, do que a Religião: pois assim como não há coisa mais consoladora, e decorosa

para huã Alma sensível, e recta, do que estabelecer o Reyno de Deos em hum coração innocente, prepará-lo aos triunfos da Graça, e premuní-lo contra o furiozo impulso das paixoens corrompidas; assim tambem nada ha mais vantajoso, e indispensavel a huã razão, que prin-

[fl 19v]

cipia a desenvolver-se, do que o conhecimento, e o estudo daquellas Divinas verdades, que são o germen fecundo das virtudes sólidas, a fonte dos verdadeiros bens, e o penhór seguro, e precioso da sua eterna felicidade.

Hé a infancia aquella idade feliz, em que se encontra menos oppozição ao bem, menos inclinação, e prepensão ao mal, menos inimigos, que combater, menos paixoens, que arrancar, e que destruir; ella recebe a virtude com muita mais facilidade, e as primeiras impressoens, que acquire, achando hum coração tenro e dócil, gravão-se com mais efficacia, e mais defícilmente se extinguem: o mesmo amôr, e respeito, que ella consagra ás pessôas, que derigem a sua educação, lhe faz amaveis, e estimaveis as instrucçoens, que lhe inspirão; ouve-as com mayor attenção, e pratica-as com gosto, e suavidade. Que desgraça não será logo perder dispoziçoens tão venturosas, para lhe fazer conhecer a beleza, e formusura da Religião, os deveres importantissimos, que lhe impõem a Santa Sociedade, a que está incorporada, e as maximas luminosas com que deve nivelar todas as suas acçoens, e conduta?

Porem he lastima, que a ordinaria educação da mocidade seja nesta parte muito defeituosa. Recebem os Meninos o augusto character da Religião em hum tempo em que lhes he impossivel conhecer toda a grandeza da sua vocação, a felicidade immensa, que ella lhes promette, e a extensão dos importantissimos vinculos, que contraem; crescem na idade, e não encontrão quem lhe faça reflectir em todos estes interessantissimos objectos; com o falso pretexto, de que a sua razão ainda curta, e

[fl 20]

pouco formada não he capaz de comprehender verdades tão sublimes, omitta-se dar-lhes huã instrucção, que he a principal, a mais digna, e mais propria da mocidade christã; e quando muito lhes ensinão apenas alguãs formulas doutrinaes, que se achão nos cathecismos destinadas a este mesmo fim: porem como lhes não explicão as doutrinas, que nellas se enserrão, nem lhes analizão, e esmiação aquellas sublimes verdades, toda a sua instrucção se reduz a repetir de memoria termos, e palavras de que apenas fazem huã confuzissima idéa. Se examinar-mos huã povoação inteira, quantos individuos acharemos nós, que não tem da Religião outra idéa mais do que o conhecimento do som bruto, e material dos termos, e das expressoens com que pronuncião os seus dogmas, e as suas maximas? E se outros tem alguã tintura mais da doutrina Santa, que profissão, he tão ligeira, e superficial, que os deixa quasi em a mesma ignorancia. E que resulta de desgraça tão lamentavel? O pouco apreço da Religião, o desterro da virtude, a facilidade com que se sacrificão as promessas, e as esperanças eternas aos prazeres injustos da concupiscencia; e em fim o progresso interminavel da infinitas desordens.

Encarregamos portanto muito ceriamente á Superiôra do Conservatorio a quem com especialidade incumbimos esta grande instrucção, que seguindo a ordem do cathecismo, que temos adoptado para instrucção doutrinal da Nossa Diocese, explique ás Meninas do Conservatorio as verdades da Religião, não se limitando simplesmente a

gravar-lhes na memoria os artigos e maximas, que ella ensina, nem ainda explicar-lhas superficialmente, mas deverá fazer-lhas comprehender tanto quanto permittir a sua capacidade. Não deverá comtudo cansar muito as Meninas com precei-

[fl 20v]

tos e liçoens multiplicadas nesta materia, e muito menos obrigá-las com rigôr, e dureza ao estudo desta Divina Sciencia; pois os cuidados, e disvelos de huã educação christaã, não se devem limitar somente a illustrar o entendimento da mocidade com as noçoens claras, e exactas dos misterios, e maximas fundamentaes da Religião; mas sobre tudo se devem empregar em lhe fazer amaveis estas sublimes verdades, e inspirar-lhe hum amôr puro, ardente, e efficaz á mesma Religião; ora o amôr he hum affecto livre da nossa Alma, que não conhece forsa, nem violencia; jamais de ama hum bem, apezar do proprio gosto, e pelo temôr do castigo; portanto he necessario, que a Superiôra procure ensinar-se no coração das Meninas com aquelle ár de afabilidade, e carinho, que sabe inspirar a carid[ad]e, e com hum estillo doce, claro, e agradável irá lançando em seu espirito as sementes preciosas da doutrina, e maximas Santas do Evangelho; aproveitando-se oportunamente de todas as occasioens, que lhe subministrarem algum assumpto de instrucção, elevando o entendimento das Meninas das cousas sensiveis, e palpaveis aos objectos insensiveis, e sobrenaturaes; acompanhando sempre as suas liçoens com reflexoens tocantes, e proporcionadas a inspirar-lhes o amôr, o respeito, e veneração devida aos misterios, e maximas santas sobre que se versar a sua instrucção. Alem d'isto, para que estas instrucçoens não deixem de ter hum tempo fixo, e detreminado; deverá a Superiôra em todos os dias festivos, e feriados em que não houver trabalho, convocar as Meninas a huã das Aulas, e ahi pelo espaço, que atraz fica detreminado, ou mais, se lhe parecer, terá com ellas conferencia de cathecismo, ensinando-lhes, e explicando-lhes com ordem, e bom methodo as verdades, e dictames da Religião; continuando pelo decurso da semana a repetir-lhes nas con-

[fl 21]

versaçoens familiares, e nas occasioens occorrentes as mesmas materias, que servirão de assumpto á instrucção da conferencia antecedente; deste modo, sem que seja necessario violentar as Meninas ao estudo seco, e descarnado das formulas doutrinaes, aprenderão com gosto, e suavidade a doutrina da Religião, e virão a formar huã idêa mais completa, e clara dos seus misterios. Com tudo, para que a Superiôra possa bem comprehender as Nossas intençoens nesta materia, lhe offereceremos nos seguintes capitulos alguns exemplares de instrucção, e de methodo, que deverá seguir para bem desempenhar o seu ministerio: não tocaremos todos os pontos da Religião, porque esta empreza nos conduziria, alem dos curtos lemites, a que Nos queremos singir nestes Estatutos, e tambem não seria muito conforme á natureza de hum simples regulamento; porem não deixaremos de falar nos objectos mais principaes, e do methodo, clareza, ordem, e axactidão, que observar-mos na sua explicação, e analyse: deverá a Superiôra deduzir as normas, a que se ha de ligar na explicação do restante. Estas verdades santas, assim analisadas, e explicadas, não deixarão de excitar no coração das Meninas vivos affectos de amôr, e ternura aos sublimes misterios, e doutrina, que ellas nos descobrem, e lhe servirão de luz, para no decurso da vida se conduzirem, e regularem nas suas acçoens.

Capítulo 15

Da instrução dos primeiros, e fundamentaes Dogmas da Religião

[fl 21v]

Como de todos os conhecimentos da Religião, a existencia de Deos, e a grandeza de seus attributos, e perfeçoens, he o primeiro, e o mais importante; por ser a baze fixa, e immovel em que repousão não só todas as verdades do Christianismo, mas tambem toda a disciplina dos bons costumes; por aqui he que deve principiar a instrucção Religiosa das Orfaãs. Deverá pois a Superiora inspirar-lhes huã idéa grande da Divindade, mostrando-lhe, que este Senhôr he hum sêr unico incriado, eterno, omnipotente, que por sua vontade propria dêo o ser a tudo quanto existe, e que nada se conserva, e mantem se não por sua Providencia, que tudo governa, e derige aos fins secretos da sua infinita sabedoria: que este Deos unico, que existe por sua propria natureza he tambem o centro, a raiz, a fonte, e o principio de todas as perfeçoens; de maneira, que tudo q[uan]to ha bom, santo, e perfeito nas creaturas, procede desta perfeição original, e primitiva, a qual he o manancial unico d'onde sahe todo o bem.

Para lhes fazer mais sensivel esta grande verdade, buscará a Superiôra excitá-las a reflectir sobre as maravilhas da natureza, interessando a sua curiosid[ad]e ou na encantadora formosura de huã noute serena, em que o Céu apparece semeado de pontos resplandecentes, e nos descobre a marcha grave, e magestosa do astro, que as illumina, ou na engraçada galantaria das flores vivas das suas côres, suavidade do seu cheiro, ou finalmente em outros objectos, que possão consiliar, e entreter a sua attenção, entretanto tendo as Meninas attentas e applicadas á contemplação destes espetáculos sensiveis: tudo isto, minhas filhas, lhes poderá dizer he obra de huã Mão Omnipotente; Deos semelhante á nossa Alma, que pensa, e conhece, que observa todos os nossos paços, que vê todas as nossas açcoens, que nós

[fl 22]

não vemos com os olhos, mas que se faz tão sensivel em todas as suas obras, he o Authôr de todas estas maravilhas, assim como o Edificio he obra do Artífice, que o fez. Este soberano Senhôr, o mayor de todos os sêres, e cujo Nome jamais devemos pronunciar sem o mayor respeito, he causa de tudo isto, assim como he de nós mesmas, e de tudo o que pode ter algum sêr, ou existencia em toda a natureza.

Instruidas assim as Meninas nestas primeiras verdades da Religião, passará a Superiôra a ensinar-lhes com a possivel claresa o Augusto Mysterio da Trindade Divina; mostrando-lhes, que este Deos unico em natureza, pela fecundidade, riqueza, e plenitude da sua sabedoria, produziu, e gerou desde toda a Eternidade em sua Mente Divina a Imagem da sua mesma substancia, que se chama a segunda Pessoa da Trindade Santissima. O verbo Divino, a palavra de Deos, a inteligencia, e a sabedoria do Pay de sua mesma natureza igual a elle, eterno, incriado, e subsistente como elle: que não podendo o Pay deixar de se amar a si mesmo, por ser infinitamente amavel, tambem não pode deixar de amar este seu Filho, que sendo tam perfeito como elle, he tambem infinitamente amavel: e pela mesma razão o Filho não pode deixar de amar a seu Pay, que lhe dêo o seu mesmo ser, e as suas mesmas perfeçoens; deste amôr mutuo, infinito, e inefavel procede a terceira Pessoa da mesma natureza, q[ue] o Pay, e o Filho, a qual se chama o Espirito Santo, assim ainda que a Natureza Divina seja unica, e indivisivel, ha

com tudo nella trez Pessôas realmente distintas, supposto todas trez não sejam mais do q[ue] hum só Deos, huã só substancia, huã só Divindade.

[fl 22v]

Em toda a serie immensa dos Entes criados, minhas queridas filhas, continuará a Superiôra, nada ha com que se possam comparar objectos tão sublimes, e q[ue] tanto excedem a nossa fraca intelligencia; com tudo dentro de nós mesmas em a nossa propria Alma achamos nós huã imagem ainda que summamente groceira, e imperfeita deste Augustissimo Mysterio; pois sendo ella huã simples, e indevisivel, há com tudo nella trez potencias, memoria, entendimento, e vontade; as quaes sendo distintas, subsistem na mesma Alma de hum modo indevisivel, e substancial.

Este Senhor Uno, e Trino, deve ser tambem o unico objecto de todas as nossas accoens, ainda das mais indifferentes, como o trabalho, a comida, o somno; tudo devemos fazer em seu nome, e derigir a sua Gloria.

Jamais pode haver grandeza, paz, nem felicidade sólida, se não em viver em huã perenne, e nunca interrompida dependencia de tam Soberano Bem, amando-o com toda a ternura, e affecto do nosso coração, servindo-o com todo o fervôr, e efficacia da nossa vontade, obedecendo-lhe com toda a promptidão, e rendimento do nosso espirito, fazendo em tudo a sua vontade Divina, preferindo-o a tudo quanto nos for mais amavel, e estimavel, e excelente no Mundo; pelo contrario fora deste Summo Bem, não se encontra, senão miseria, pezares, inquietacoens, e desgraças.

Depois que a Superiôra tiver feito conhecer sufficientemente ás suas pupillas o Augusto, e infavel Mysterio da Trindade, seguindo o mesmo methodo, lhes explicará o da Encarnação; mostrando-lhes os motivos, os fins, e os efeitos desta grande obra do Poder, Sabedoria, e Misericórdia Divina. Deos,

[fl 23]

minhas caras filhas, lhes dirá, depois de criar o Mundo e todas as maravilhas, que nelle admiramos, criou tambem do limo da terra o primeiro homem, que se chamou Adam, fez-lhe conhecer o seu creadôr, e lhe impôz Leis, e preceitos, os quaes este homem ingrato, e débil, groceiramente violou, e transgredio; por esta causa o mesmo Deos, em castigo da sua desobediencia, o despojou de huã grande parte dos dons, e favôres, que lhe tinha concedido, e da Justiça original em que o tinha criado, esta pena se transfundio á sua posteridade, a qual desgraçadamente herdou a sua fraqueza, o seu peccado, e as suas miserias. Eis aqui a razão porque todas as Meninas, e Meninos, que tem havido, e ha de haver até o fim dos Séculos, nascem peccadôres réos da culpa, que se chama original, por ser contraida na sua origem, isto he, em Adam, que he a raiz de toda a humana espece; e assim todos nascêmos filhos do Diabo, escravos do peccado, inclinados ao mal, e sujeitos a eterna condenação.

Com tudo o mesmo Deos, de bondade, que em meyo das suas iras jamais se esquece das suas Misericordias, promettêo logo ao ingrato Adam hum Micias, hum Redemptôr, que por elle, e por todos os seus descendentes havia de satisfazer abundantemente a todos os rigôres da Divina Justiça: este Redemptor he o seu mesmo unico Filho, a segunda Pessôa da Trindade adoravel, o qual se fez homem, tomou a nossa carne, nascêo de huã Virgem purissima, foi concebido por Graça do Espirito Santo, e vivêo na terra por muitos annos entre os homens, p[ar]a lhes dar o exemplo de todas as virtudes, e

ensinar-lhes o caminho do Céu, e a sciencia da salvação, e prégar-lhes a Penitencia, a mortificação, o aborrecimento,

[fl 23v]

e o ódio ao peccado, o desapego de nós mesmos, e de todos os bens caducos deste Mundo; a humildade, a paciencia, o amôr de Deos, e do proximo. Este Deos, e juntamente homem, que em huã só Pessoa Divina, q[ue] he a segunda da Trindade se achão unidas duas Naturezas, Divina, e Humana, foi aborrecido, desprezado, e preseguido pelos impios, cujos vicios elle condemnava ameaçando-os com supplicios eternos, senão se convertessem, e fizessem penitencia; e morrêo emfim pendente de huma Cruz, cuberto de oprobrios, e de ignominias, cheyo de dôres, e de chagas. Porem com o sacrificio da sua morte aplacou a ira de seu Pay, reconciliou-nos com elle, livrou-nos da tirania do peccado, e do Demonio, granjeou-nos a salvação, e todas as graças necessarias para a conseguir-mos: não ha graça, dom, ou socorro algum Divino, que este adoravel Redemptor não possa alcansar-nos por meyo do sangue precioso, que por nós derramou, e que por nós incessantemente offerece a seu Eterno Pay: nunca as portas do Céu se abrirão, nem se abrirão jamais, se não por sua Poderosa mediação, ninguem nelle poderá entrar, senão pelos merecimentos deste Cordeiro de Deos, desta Victima adoravel, que só pode lavar as nossas iniquidades, e por isso só elle he que merece, e a quem convem o Nobre Tituto de Salvadôr.

Nome Dulcissimo, que não só deve servir de apoyo á nossa esperanza, e de lembrar-nos a obrigação, que temos de buscar o seu socorro, mas tambem deve excitar o nosso amôr, e a nossa gratidão; pois se nós devemos amar, e adorar aquelle, que nos criou; os mesmos sentimentos devemos sem duvida a quem nos resgatou com o sacrificio da sua cruz, a quem nos purificou com o seu precioso sangue, e a quem finalmente nos recobrou todos os direitos, q[ue] tinhamos á Eterna Gloria.

[fl 24]

Este Salvadôr adoravel, sendo sepultado depois da sua Morte, resuscitou ao terceiro dia, para não morrer jamais, e viver huã vida Gloriosa, e livre de toda a fragilidade humana; vivêo ainda quarenta dias sobre a terra, com seus Discipulos, communicando-lhes os fructos da sua Graça, e subio depois ao Céu no dia da Ascenção, tendo primeiro recômdado aos mesmos Discipulos, que vivessem em retiro, e oração, até que fossem revestidos da força, e da virtude Celeste, e dos dons preciozos do Divino Espirito, o que exactamente se cumprio no dia, que a Igreja consagra á memoria de tão grande maravilha, quando o Espirito Santo, debaixo da forma sensivel de lingoas resplandcentes descêo sobre os Discipulos juntos no Cenaculo, e os inflamou em hum fogo Divino, e lhes communicou o zêlo mais ardente pela sua honra, e pela sua Gloria. Esta Divina Pessoa he o principio de todas as boas inspiraçoens, a fonte de todas as graças, e o manancial perenne de toda a santidade, e consolação interiôr, e espirital; e por isso são tambem immensos os Titulos, que este Consolador Divino tem ao nosso amôr, e á nossa adoração.

He da ultima importancia, que a Superiôra repita muitas vezes ás Meninas estas sublimes, e augustas verdades, propondo-lhes por todos os lados, que lhes forem mais preceptiveis, satisfazendo a todas as suas duvidas, estudando a lingoagem propria da infancia, para lhes explicar de hum modo tal, que elas possam fazer destes grandes Mysterios as idéas mais justas, e adequadas, que seja possivel á sua curta capacidade, e comprehensão, amoldando-se, e proporci-

[fl 24v]

onando-se as diversas capacidades, que entre ellas possa haver, e emfim, explorando por meyo de perguntas claras o conseito, que formão, tendo cuidado de lhes reformar, e emendar todos os defeitos, que possão haver nas suas idéas. Nunca deixará tambem de fazer deligencia, por lhes inflamar o coração no amôr destas Divinas Pessôas, mostrando-lhas debaixo d'aquelles aspectos, que a experiencia lhe mostrar podêrem atrahir com mayor efficacia os seus affectos; fazendo-lhes bem comprehender o que devem ao Eterno Pay, que as criou, e que as conserva, e que as adoptou por filhas; ao Filho de Deos, que as resgatou com a sua Morte, e lhes merecêo a Salvação, e todas as graças, p[ar]a a conseguir; ao Espirito Santo, que as illumina, anima, e santifica, que faz das suas Almas seu Templo, sua morada, que opéra todos os dias em seu coração as obras da sua Graça; e emfim, que he o mutôr de todas as suas boas acçoens, e pensamentos santos.

Capitulo 16

Da instrucção sobre os Mandamentos de Deos

O primeiro movimento, que em hum coração sensivel, e recto, que deve operar o conhecimento de Deos, e dos seus grandes attributos, he

[fl 25]

huã obediência prompta, e hum rendimento sincero a tudo quanto nos ordena S. Magestade Supre[m]ma, hum desempenho fiel, e exacto das suas detreminações santas, huã attenção nunca interrompida de praticar quanto elle nos manda, e evitar tudo quanto desaprova. Portanto depois que a Superiora tiver sufficientemente instruido as Meninas nos dous principaes Mystérios, que o mesmo Deos nos tem revelado da Trindade, e Encarnação, passará a explicação dos Preceitos do Decalogo, mostrando-lhes cada hum delles naquella extensão proporcionada a fazer-lhes bem comprehender o que Deos em cada hum delles, de nós quer, e exige, fazendo-lhes ao mesmo tempo reflectir para mais efficazmente as interessar em a sua observancia, que qualquer delles não só he muito conforme á nossa razão, mas tambem ás nossas necessidades, e ao nosso bem, e que da observancia exacta, e completa de todos elles está dependente toda a nossa felicidade, ainda neste Mundo.

O amôr, e a obediencia / minhas caras filhas, lhes dira / que nós devemos a tam santo Legisladôr, he o motivo principal, e mais digno da nobreza de hum coração christão, para o incitar á pratica mais apurada, e ao mais perfeito desempenho de todas estas obrigaçoens, que o Senhôr se dignou impôr-nos; com tudo, não contente este Pay amorozo de nos obrigar ao cumprimento das suas Leis por hum titulo tão justo, e tão excelente; para mais nos interessar na constante execução de seus preceitos, quiz, que todos elles se derigis-

[fl 25v]

sem ao nosso mayor bem, e felicidade: se nós reflectimos bem em todos os seus Mandamentos, verêmos, que a caridade, a justiça, e a sabedoria de Deos, he q[ue]m os dictou, e que todos conspirão á nossa paz, ao nosso socego, e á nossa mayor ventura. Com effeito, tudo quanto nos prohibe a Ley Santa do Senhôr, he justamente o que mais nos

pode prejudicar: que males não pode causar-nos a impureza, a intemperança, a cólera, a vingança, e todos os outros vícios, que elle nos prohibe? Certamente estes feyos peccados ou nos farão cahir debaixo do rigôr, e dos castigos dos homens, ou nos privaráo da boã reputação tão necessaria para a vida, ou finalmente, nos farão perder os bens, a saude, a paz de consciencia, que são os bens mais preciosos, que se podem possuir sobre a terra. E pelo contrario, que bens não conseguiremos nós pelo exercicio das virtudes, que a mesma Ley Divina nos manda praticar? A caridade, a justiça, a humanidade, a temperança, são outros tantos devêres, que esta Ley santa nos impõem, e ao mesmo tempo as virtudes, que a natureza mais nos tem mostrado serem necessarias para a nossa propria ventura. Que desordem, não seria logo, minhas filhas, se depois de reconhecer-mos, que tudo quanto Deos nos orde[n]na em seus Mandamentos tão amorosamente quiz se derigisse ao nosso proprio interesse, e utilidade; em vêz de lhe dar-mos as devidas graças por huã condescendencia tão Paternal; e de entrar-mos em seus santos designios, cumprindo quanto nos prescreve, nos atrevesse-mos a sensurar os seus Preceitos, como duros, e rigorosos, e com este frívolo pretexto tivesse-mos a horrivel temeridade de

[fl 26]

os transgredir, e violar.

Com tudo este Pay de Misericordias, que não deixa de tentar todos os meyos de nos atrahir a si, juntou ainda á sua Ley outros vinculos, para com mayor força, e efficacia, nos sujeitar ao seu serviço, e obediencia; pois se nós praticar-mos fielmente os Divinos Mandamentos, elle nos promette huã recompensa infinita, hum Reyno eterno de delicias: elle nos offerce huã socied[ad]e dictosa no Céu, juntamente com elle, em companhia de seu Filho adoravel, na união do Espirito Santo. As nossas Almas penetradas da luz inefavel da soberana intelig[enci]a, perseverando em huã felicidade immutavel na posse de Bem tão infinito, terão a consoladora certeza de premanecerem sem fim innundadas em huã torrente de delicias, e seguras de serem summamente dictosas por toda a Eternidade. O nosso mesmo corpo, que agora he tão groceiro, frágil, e caduco, terá tambem parte nesta Gloria; pois tendo sido companheiro da nossa Alma nos seus trabalhos, e instrumento dos seus merecimentos, e boãs obras, não ficará sempre sepultado no pó da sepultura; mas no dia da geral ressurreição, que acontecerá no fim do Mundo, sahirá do sepulchro vivo immortal, não será já aquella carne sujeita ao peccado, que tanto opprimia a nossa Alma, nem aquella caza de lôdo, em que a nossa razão tanto se obscurecia, e assombrava; mas o Senhor, que o fez, lhe dará agora huã nova figura, o converterá em hum vaso de honra, em hum Templo augusto, aonde habitará a paz, a consolação, e a Gloria por todos os séculos. Esta segurança, minhas filhas, de ver a Deos face a face, de gozar em

[fl 26v]

companhia dos santos de huã felicidade inalteravel, e pura, de ter-mos parte na Gloria de Deos, com q[ue] ardôr, com que disvélo nos deve excitar a cumprir com fedilidade, e exactidão os Santos Preceitos, a cuja observancia estão promettidos bens tão preciosos, e inestimaveis!

Pelo contrario, se tiver-mos a ousadia, e temeridade de violar, e transgredir estas Divinas Leys, tambem o Senhôr nos amiaça com hum supplicio eterno; então a nossa Alma separada para sempre da vista, e posse do único Bem, que só podia fazê-la feliz, e bemaventurada, terá a cruel certesa, de premanecer eternamente na companhia dos

Demonios, penetrada da mais horrivel desesperação, rodeada de fogos inextinguiveis, e repassada das dôres, e angustias as mais horrorosas. Sentirá a ira de Deos sempre armada sobre ella, para a atormentar, e affligir, e já mais vera cessar, ou afrouxar hum só momento a sua triste, e desventurada sorte. O mesmo corpo, que foi companheiro, e instrumento das suas desordens, e dos seus delictos, sahirá do centro da terra ao som da pavorosa Trombeta, que fará soár o Archanjo, e longe de resuscitar glorioso, e resplandecente, apparecerá com aspecto horrivel, e medônho, irá unir-se á infeliz Alma rodeada de fogo, cujas chammas devoradôras agora, a repassá-los ambos, e sem os consumir jamais deixarão de os abraçar por todo o sempre. Ah! minhas filhas, que terrivel he Deos: para aquelles, q[ue] o desprezão, que offendem a sua Ley, e faltão aos seus Preceitos! E que horrendo he o peccado, que nos arrasta a tantos males, e nos prepara hum destino horrivel, e desgraçado! He muito conveniente, que

[fl 27]

a Superiôra ponha muitas vezes diante dos olhos das Meninas estes grandes quadros, para as contêr firmes na observancia dos Divinos Preceitos, inspirar-lhes o amôr á virtude, excitá-las ao ódio, e aborrecimento do peccado, e emfim lhe servirá de escudo, e defeza contra todas as paixoes da natureza cõrrumpida, e depravada.

Capitulo 17

Da instrucção sobre as virtudes Evangelicas

Supposta a primeira baze da vida christãã, de observar todos os Preceitos da Divina Ley, e de evitar todo o peccado, deverá a Superiôra persuadir ás suas Pupillas, que toda a Alma fiel tem igualm[ent]e obrigação de aspirar á pratica das Virtudes Evangelicas; que a fonte primitiva de todas ellas, são as trez chamadas Theologaes, a Fé, a Esperança, e a Caridade, virtudes Divinas, e Sobrenaturaes, que jamais nos podem ser concedidas, ou procuradas pela forsa da natureza, e que só de Deos he que as podem receber; esta hé a Mina inexaurivel d'onde se acha todo o ouro das boas obras, e das virtudes sólidas; e jámais he possível agradar a D[eo]s senão em razão do grão de forsa, que ellas tiverem em o nosso coração. Em consequencia destes principios, lhes ensinará a natureza, e o objecto, motivos destas virtudes Santas, a obrigação, que temos de fazer com frequencia os seus actos, e a necessid[ad]e, que o christão tem de os repetir muitas vezes, para conseguir

[fl 27v]

a salvação eterna; emfim a relação, e dependencia que tem entre si, e o influxo respectivo de cada huã na grande obra da justificação. Para que a Superiora possa dar ás Meninas hum conhecimento sufficiente de todos estes grandes objectos, deverá representar-lhos debaixo do aspecto, em que passamos a propô-los.

A Fé, que he a primeira das Virtudes Theologaes, o seu principio, e a sua baze, he hum dom gratuito, que o Senhor nos concede, e que delle recebemos no Sacramento do Baptismo; huã virtude Divina, que opera na Alma o assento firme, e immovel com que crê, e confessa tudo quanto a Igreja diz ter sido revelado por Deos aos homens: como este Senhor he a verdade mesma, jamais nos pode enganar; e como he infinitamente

sabio, tambem se não pode enganar a si mesmo. Sobre estes dous grandes atributos, como em huã rocha firme, e incontrastavel he que estriba, e descansa a Fé christaã. Por este motivo, toda a Alma fiel, desde que a Igreja lhe mostra, e propõem os Divinos Oráculos, ainda que não comprehenda os sublimes Mystérios, que elles enserrão, jamais se occupa com huã curiosidade inquieta, e temeraria, a indagar o que he superiôr á sua razão fraca, e groceira; mas humilde, e obsequiosa sujeita o seu juízo, e todas as suas luzes á suprêma Authoridade de Deos, que falla; prompta e resignada, crê com toda a segurança, e firmeza as verdades mesmas, que não comprehende, reconhecendo a pureza da sua origem, e fundada na sabedoria, e verdade infinita de Deos, que as tem dictado, e revelado á sua Igreja. O motivo pois da nossa Fé, he o testemunho infalivel de Deos, principio, e Authôr de toda a verdade, e as coisas, que devemos crêr formão o objecto da nossa Fé, são os Mis-

[fl 28]

terios, e doutrina, que a Igreja nos propõem como emanadas da Summa verdade.

Esta Igreja he o Corpo dos Fieis, unidos aos seus Pastôres, a sua Cabeça visivel, he o Papa, successôr de Sam Pedro, e Vigario de Christo, cabeça principal, que anima, e vivifica todo o Corpo; seus Membros, são todos aquelles, que pelo Baptismo se associarão ao seu grêmio, e perseverão em a sua união; Jesus Christo promettêo a esta sua Esposa, huã assistencia perenne, hum amparo indefectivel, até a consumação dos tempos: por esta razão, a Igreja he a columna da verdade, fabricada sobre a Pedra firme, e immutavel das Divinas promessas, e contra a qual jamais poderãõ prevalecer as preseguiçoens dos impios, ou os erros, e as mentiras dos homens; assim ella he a fiel Depositaria dos Divinos Oraculos, o legitimo interprete da Doutrina Santa, a Mestra infalivel da Sciencia da Salvação, e de quem unicamente a devem aprender todos os christãos: nella haverá sempre Doutôres, Pastôres, Appostolos, e Profetas, que a ensinem, e a publiquem; ella subsistirá sempre visivel, e pura de todo o erro na Doutrina Santa, que seu Divino Espozo lhe confiou. Ditosa, mil vezes ditosa a Alma Christaã, que submettendo-se obediente ao seu magisterio infalivel, jamais errará na sua crensa; pelo contrario, infeliz, e sumamente desgraçados são aquelles, que separados desta Santa Sociedade, romperão os vinculos da sua união com ella, e não escutão a sua voz, nem querem aprender a sua Doutrina, pois a sua Fé he vaã, e tenebroza; porque se funda na baze ruinosa, e alagadiça dos proprios juizos, e da sua razão enferma, e obscurecida; vivem nas trevas do erro, e se chamão Hereges; instruidas as Meninas em todos estes pontos, deverá a Superiôra, fazer-lhes a seguinte exortação.

[fl 28v]

O primeiro sentimento pois, minhas filhas, que nos deve agora, e sempre ocupar, deve ser dar graças ao Senhôr, por nos haver feito nascer em huã Igreja fundada pelo mesmo Jesús Christo, propagada pelos Appostolos, estabelecida em todo o Mundo, cuja Doutrina he Santa, e cuja voz he o canal legitimo, e união dos Divinos Oráculos.

Esta Fé nos ensina, que Deos he hum Senhôr Omnipotente, a cuja vontade nada resiste, e que tudo pode no Céu, e sobre a Terra; que he hum Pay amoroso, e cheyo de Misericórdia para com os homens, e que quer a nossa salvação; que Jesus Christo veyo ao Mundo padecer, e morrêr por nosso amôr, e resgatar-nos com o seu sangue precioso, a fim de conduzir-nos á Gloria; que supposto nasçamos em peccado, com tudo, nos ama,

nos adopta por filhos, e nos dá o direito de cõherdeiros de Jesus Christo; que apezar de tanta Misericordia, se nós escravos de nossas paixõens nos tornamos a rebelar contra elle, se violamos a sua Ley, ainda assim este Deos de bondade, corre apõz de nós, nos convida com a sua Graça ao arrependimento; e se nós voltamos outra vez para elle, nos perdõa, e ordõna, que esperêmos de novo gozá-lo para sempre. Destas santas, e consoladõras verdades, nasce a segunda virtude, q[ue] he a Esperança, a qual he tambem hum dom de Deos, e opera na Alma huã confiança firme, e segura de gozar do Soberano Bem, por sua Misericordia, por sua fidelidade, e pelos merecimentos de Jesus Christo, dos quaes espera alcançar as graças, e meyoos necessarios para isso; pois assim como o sangue deste Salvadõr Divino he só quem pode lavar as nossas culpas, assim tambem só os se-

[fl 29]

us merecimentos he quem nos pode obter as graças necessarias, para cumprir com a sua Ley.

Por esta razão, o motivo da nossa esperança he a Misericordia, a Omnipotencia Divina, e as suas promeças immutaveis; e o que nós esperamos he o gozo, e a posse do mesmo Deos, pelos merecimentos infinitos de Jesus Christo, observando nós a sua Ley, e os seus Mandamentos Santos; he esta huã condição necessaria para a nossa esperança ser justa, e bem fundada. Hé verdade, que por nossa miseria, e fragilidade podemos faltar a esta necessaria condição, e esta lembrança nos enche de temõr; porem este temõr, deve só unicamente limitar-se a fazer-nos mais vigilantes, para evitar-mos os perigos, para nos não deixar-mos seduzir dos prazeres Mundanos, para nos conservar-mos na humildade, e na confiãção sinsera da nossa propria miseria; porem jámais nos deve desanimar; pois fazendo da nossa parte o possível, o Senhor nos promette dar os auxilios, e os meyoos necessarios para nos salvar-mos; jamais nos deixará vencer das tentaçõens, e nos defenderá dos nossos inimigos: mas emfim, quando a fragilidade nos arraste, ainda então devemos esperar, que se imploramos a sua bondade, nos fará sahir do peccado, nos dará benignamente a mão, para nos ajudar a levantar da quêda; devemos sim desconfiar da nossa fraquesa, e corrupção, somos frageis, somos miseraveis, e por nós nada podemos, mas a Graça de Deos tudo pode, com ella nada nos he impossivel, e o Senhõr jámais a nega, a quem lha pede sinceramente.

[fl 29v]

Assim seria mayor injuria, que o peccadõr faria a Deos, se desconfiasse, ou desesperasse da sua salvação; porque offenderia o mais precioso dos seus attributos, que he a sua Misericordia; pois ainda que os nossos peccados sejam os mais enormes, e em nada possamos merecer por nós mesmos, com tudo os merecimentos de Jesus Christo, são infinitos, e mais que sufficientes, para nos merecer a salvação, e o perdão dos nossos peccados, com o sangue precioso desta victima adoravel, tudo merecêmos, tudo alcançamos, e o seu sacrificio basta, para resgatar o Mundo inteiro.

Sendo a Fé, e a Esperança virtudes tão preciosas, e tam necessarias á Alma Christaã, com tudo não bastão para a sua salvação; he necessário, que as acompanhe a Caridade. Esta Virtude he a Corõa, e a Raynha de ambas, e por isso he igualm[ent]e hum dom de Deos, que opéra, e produz em nossos coraçõens o seu amõr, e o do proximo: quem chega a possuir este dom Divino he feliz, e summamente dictoso; pois com elle recebe o Soberano Bem, e toda a sua felicidade. A primeira obrigação pois, de huã creatura

racional, he adorar, e amar o seu Creadôr com todo o seu coração, com toda a sua Alma, e com todas as suas foras; porque elle he a Bondade Summa, e infinita. Como a sua Grandeza, e Mag[estad]e o poêm fora dos alcanses dos nossos sentidos, he de temer, que não fação em nossos coraçãoes toda a impressão, que devêrão; com tudo a nossa Fé deve presentálo continuamente ao nosso espirito, p[ar]a q[ue] lhe consagre todo o seu amôr. E com effeito, quem pode pensar em huã Bondade tam benéfica, sem que a ame? Como he possível, que nos esqueçamos de beneficios tão estremosos? Que

[fl 30]

ha no Céu, e na Terra, que este bom Pay não criasse para nós? Que bens, que dons, que coisa possuímos nós, que não sejam outros tantos mimos, e presentes da sua benefica Mão? Quem nos espera, quando nós o affendêmos? Quem nos perdoa? Quem nos orde[n]na, que implorêmos a sua Graça? Emfim, quem nos faz participantes do seu Reyno, e da sua Gloria? Ah! Para onde poderêmos nós lançar os olhos, que não vejamos signaes sensiveis, e luminosos da sua beneficencia e da sua Bondade Summa! E que sentimento mais racional, que divida mais justa, que gratidão mais bem merecida do que amar tam bom Pay?

Comtudo, como nós não temos em nós mesmos com que pagar beneficios tão singulares, elle subroga os seus direitos em as outras creaturas racionaes, e declara, que tomará á sua conta como feito a si mesmo, quanto nós fizer-mos pelos nossos semelhantes; por isso nos faz sentir, que elle he o Pay, e creadôr de todos, que a todos ama, a todos reconhece por filhos, que a todos fez á sua immagem, e semelhança, a todos destina a mesma Gloria, a mesma felicidade, assim quer, que todos nos amêmos como Irmãos, como filhos do mesmo Pay, como participantes dos mesmos direitos.

Esta caridade fraternal, hé o character mais proprio da Alma christã, e o signal mais legitimo do Amôr de Deos. Ella nos excita, não só a evitar todo o mal ao nosso proximo, mas tambem a fazer-lhe, e a procurar-lhe todo o bem. Ella lança fora do nosso coração, a ira, a cólera, os ódios, os

[fl 30v]

ressentimentos, as açcoens, e palavras offensivas, e picantes; porque jámais se irrita. Ella jámais consente, que olhêmos com displicencia, para a estimação, e elevação do nosso proximo; porque não he envejosa. Ella desterra do nosso coração o orgulho, a arrogancia, e a altivez; porque não he enchada. Ella jámais permite, que opprimamos, e suplantêmos o nosso proximo, para nos elevar-mos sobre a sua desgraça; porque não he ambiciosa. Ella não consente em o nosso espirito presumpçoens injustas, juizos temerarios, interpetraçoens malignas; porq[ue] não cogita mal. Ella abomina toda a complascencia, e alegria pécima dos males, e humilhaçoens do Proximo, porque não se alegra sobre a iniquidade. Em fim, ella desterra dos nossos coraçãoes todo o cuidado excessivo dos nossos interesses, aos quaes sacrificamos muitas vezes os direitos mais sagrados da justiça, da gratidão, e da humanidade; porque não solicita os seus interesses.

Mas esta Virtude Santa não só se limita a evitar o mal do Proximo, mas tambem nos manda fazer-lhe todo o bem, que nos for possível; assim ella nos diz, que devêmos estimar, honrar, amar sinceramente ao nosso Proximo, testemunhar-lhe este amôr, e estimação, falando-lhe cortez, e attentamente, respeitá-lo, tratando-o com hum modo, honesto, civil, e agradavel; pois he benigna, e obzequiiosa.

Ordena tambem, que lhe desejemos toda a sorte de bens, que nos alegrêmos dos que elle possui, o socorrámos, quando dos nossos tiver necessidade, que lhe façamos todos os bons officios, todos os serviços, q[ue] possa desejar de nós, prevenindo as suas supplicas,

[fl 31]

principalmente no que respeita á Salvação Eterna da sua Alma; não perdoando deligencia alguã, p[ar]a lha procurar. Em todas estas maximas, deverá a Superiôra instruir as Meninas, exortando-as a que as pratiquem mutuamente entre si, mandando-lhes, que se perdõem mutuamente as faltas, e que logo as reparem, pedindo perdão, e reconciliando-se.

Assim observando, que alguã trata a sua companheira com palavras ásperas, a moverá, a que peça logo perdão do seu mão, e incivil tratamento, e que repare esta falta tratando a sua mesma companheira com palavras urbanas, e attentiosas. Fará com que mutuamente se ajudem, se sirvão, se ensinem, se prestem os officios de misericordia, e humanidade, que lhes forem possiveis. Se murmurarem, se disserem mal de alguãs, fará que logo se desdigão, ou que reparem o damno do melhor modo possivel: em fim, não perderá occasião de fumentar entre ellas esta grande Virtude da Caridade, e amor fraternal.

Depois que as Meninas estiverem sufficientemente instruidas em todos estes importantissimos objectos, lhes fará reflectir, que todas estas trez Virtudes, Fé, Esperança e Caridade, nos são indispensaveis para a salvação, e que os seus Actos, não só nos são uteis, mas necessarios, para produzir, e fumentar em nossos coraçãoes as boas obras, e a prática fiel da Divina Ley; que convem muito fazêlos frequentemente, e sobretudo em as tentações, e na recepção dos Sacramentos; que jámais devemos cessar hum só momento de pedir a Deos, que nos dê, e aumente estas preciosas Virtudes, que são a semente de todas as demais. Igualmente, lhes fará observar, que não obstante serem estas virtudes

[fl 31 v]

tam necessarias; comtudo o coração humano traz sempre consigo hum inimigo secreto, que as combate incessantemente, e que desde que o homem nasce até, que finalisa a sua carreira, não cessa de o inclinar ao mal, e á desordem.

Com effeito he tal o carácter da nossa corumpida natureza, que em qualquer estado, ou situação em que o coração humano se possa considerar, ha de ter sempre paixoes que vencer, e tentações a q[ue] resistir, na prosperidade deve temer o orgulho, a incontinençia, a injustiça, e outras mil acções viciosas, a que os bens deste Mundo nos costumão arrastar; na desgraça deve temer a impaciencia, a ira, as queixas, e muitas vezes os roubos, as murmurações, e mil baixeças, que acompanhão a miseria; a mesma natureza propende sempre para a intemperança, avaresa, incontinençia, de maneira, que he indispensavel, que o nosso espirito esteja sempre em hum perpetuo combate contra huã vontade tam depravada, e que sustente huma ordem constante de mortificações contra todos os appetites, que tenderem a pêrdê-lo, e a arrastá-lo, ao que he contrario ás Leys, q[ue] o Senhór nos impôz, e ás obrigações, que contrahimos em razão do nosso carácter, ou estado.

Deverá pois a Superiôra acostumar as Meninas a huã abnegação constante da propria vontade, e ao exercicio da mortificação christã; esta Virtude, que Jesus Christo

tantas vezes nos recomenda em seu Evangelho, he indispensavel a todos aquelles, que querem viver conforme as suas maximas; ella não tem outro objecto, se não reparar todas as desordens, que em nós causou o peccado original,

[fl 32]

sujeitando o nosso amôr proprio, e paixoens desordenadas aos dictames da razão, e esta a Deos, fazendo-nos renunciar todos os prazeres crimosos, e evitar quanto he possível todos aquelles em que ha algum perigo, como são os espectaculos, as conversações Mundanas, os bailes, os jogos, etc. Alem d'isso, tambem modéra, e regula ainda aquelles, que são innocentes, os quaes sendo excessivos, e muito continuados, não só são oppostos ao espirito do christianismo, q[ue] he hum espirito de penitencia, mas tambem enervão o vigôr da Alma, e abatem, e debilitão tanto o ânimo, que o faz incappaz de resistir ao peccado, ás paixoens, e a todos os inimigos da salvação. Igualmente se occupa esta Virtude Santa em governar, e derigir o entendimento, e a Vontade, pondo lemites á sua curiosidade, obrigando-nos a renunciar muitas vezes as nossas proprias luzes, moderando o afêro ao nosso parecer, e extinguindo inteiramente a obstinação.

Emfim, ella modera tambem as nossas afeições naturaes, e nos obriga a renuncia-las inteiramente, quando ellas são contrárias á Ley do Senhor, e á nossa perfeição, rebatendo a vehemencia dos nossos affectos, reprimindo a sensibilidade das nossas afeiçoens mais legitimas, e sujeitando em tudo a nossa vontade, que he fraca, e corrompida; a vontade de Deos he infinitamente illuminada, e sábia; tambem se estende esta Virtude a tratar o nosso côrpo com vigôr e asperêza, sujeitando-o á escravidão do espirito, e rebatendo constantemente todos os seus desordenados movimentos.

Pelos objectos interessantes sobre que se versa a mortificação christã, se conhece muito bem a sua necessidade, e a obrigação impreterivel, que tem a Superiôra de inspirá-la ás Meninas do Conserva-

[fl 32v]

torio; procurando movê-las a que a pratiquem nas pequenas cousas, para que vão adquirindo com facilid[ad]e o hábito precioso de exercer nas circunstancias de mayor consequencia; assim lhes persuadirá com suavidade e doçura, que se privem de ver algum objecto agradável, que modérem o desejo de ouvir novidades; que reprimão o costume de falar, falando pouco, e guardando silencio; que se abstenhão alguãs vezes d'aquillo de que mais gostão na Mêza; e finalmente contradigão os seus sentidos, privando-os d'aquillo, que appetecerem, e para que mais fortemente se inclinarem.

Desta Virtude nasce outra, que tem por objecto o sofrimento, constante, e inalteravel nas adversidades, e tribulaçoens, e se chama Paciencia; esta Virtude he tambem hum carácter proprio de huma Alma christã, e bem penetrada das verdades Santas da Religião.

Ella he da primeira necessidade, para conservar a paz, e o socêgo interiôr em hum Paiz de miserias, e infelicidades; he por isso, que a Superiôra deverá igualmente instruir as Meninas na práctica Santa desta Sublime Virtude, fazendo-lhes bem comprehender, que Jesus Christo o nosso modêlo, e o nosso exemplar, tendo sofrido, e padecido tanto para entrar na sua Gloria; assim tambem he necessario, que nós padeçamos, para conseguir-mos o mesmo prémio; que tendo sido este o caminho da cabeça, igualmente o deve ser taõbem dos membros, que esta he a unica estrada, que nos pode introduzir

naquella habitação de delicias, que nos está promettida; tambem lhes mostrará, que as tribulaçoens, e males desta vida, são castigos dos nossos peccados, e execução de huã sentença infinitamente justa, com que o Senhôr pune os nossos delictos: huãs amarguras saudaveis, que o mesmo Senhôr derrama nos objectos, que mais nos encantão,

[fl 33]

para nos converter aos bens verdadeiros porque somente devemos anelar: huns meyo honoríficos de conformidade com o nosso Divino modélo; emfim provas passageiras, que expiã as nossas culpas, purificação as Virtudes, e augmentão o nosso merecimento. Que a Religião não tem mais do que amiecas, e maldiçoens, para aquelles, que recebem a sua consolação nesta vida; assim como em toda a parte faz promessas de salvação, e alegria áquelles, que padecem cá na terra.

O amôr á pobreza, e desapêgo dos bens caducos deste Mundo he tambem huã virtude indispensavel, para não nos deixar cegar com o seu falso esplendôr, e para delles fazêr-mos o uzo legitimo, que a Religião nos prescreve; não se descuidará pois a Superiora de mostrar ás Meninas o vasio, o nada, o desprezo, que elles devem merecer a huã Alma christaã; fazendo-lhes bem comprehender, que os verdadeiros Thesouros, são, a virtude, e a innocencia; que o menor grão de caridade, eleva mais huã Alma, do q[ue] o Imperio de todo o Mundo; não podendo as riquezas, e os bens deste Mundo acompanhar-nos á Eternidade, jámais merecem occupar a nobreza de huã Alma, que não morre.

Com tudo, nunca poderá a Superiôra prometter-se fructo sensivel, e sólido das suas instruçõens, entretanto, que não applicar os seus cuidados, e derigir a sua attenção, a semear, e cultivar nos coraçãoes das Meninas a semente de outra Virtude, que he como a baze, e o fundamento de todas as Virtudes Moraes, e cujo conhecimento he tam raro, como excelente, e necessario o seu exercicio: esses mesmos antigos Filósofos, que a antiguid[ad]e olhou como Oráculos da sabedoria, e que se jactarão de dictar aos homens as li-

[fl 33v]

çoens mais austeras da virtude, não só nunca a praticarão, mas até parece, que o seu mesmo nome lhes foi inteiramente estrangeiro, e desconhecido: fallamos da Humildade, Virtude Divina de q[ue] Jesus Christo não só nos dêo os mais excelentes exemplos, mas até nos impôz hum preceito expresso de aprender-mos d'elle a ser mansos, e humildes de coração. Ora esta grande virtude nasce do conhecimento q[ue] o homem deve ter da sua miseria, da sua pobreza, e do seu nada; por pouco que reflexione sobre si, conhecerá, que todo o bem, que possui, assim na ordem natural, como sobrenatural, he hum dom de Deos, huã pura graça da sua liberal Benificencia, e que estes dons supposto enriqueção, e aperfeiçoem a sua Alma, comtudo, jámais extinguem aquelle fundo de corrupção, e de desordem, que depois do peccado lhe ficou inherente; de maneira, que de si mesmo, jámais pode sem socorro da Graça fazer algum bem sobrenatural, nem ter hum pensamento, hum só desejo bom, nem finalmente, pronunciar o Nome de Jesus de hum modo meritorio para a salvação. Alem desta incapacidade absoluta para o bem, que o homem reconhece em si, acha tambem huã fortissima inclinação para o mal, huã concupiscencia tam desenfriada, que conspirando-se contra as Ordens de Deos, e da razão, quasi o arrasta contra a sua vontade, e lhe impede, como diz o Appostolo, de fazer, e obrar o bem, q[ue] quer, e o obriga a fazer o mal, que não quer: com tudo quando apezar destes

grandes embaraços chega o homem a fazer com o auxilio da Graça, algum bem, este he tam pequeno, que se nós o comparamos relativamente a Deos, a quem servimos, ou ás obrigaçoens, que lhe devêmos, ou finalmente com respeito ao que fizerão os Santos, e as virtudes, que nelles resplandecerão, he quasi nada, não só pelas

[fl 34]

imperfeiçãoens, q[ue] com elle se misturão; pois o génio, a paixão, a vaidade, o respeito humano, e mil outros defeitos, quasi sempre o desfigurão; mas tambem pela inconstancia da vontade no mesmo bem, de maneira, que se hoje somos fervorosos, ámanhã somos languidos, e froixos; se hoje fieis, recolhidos, attentos, amanhaã negligentes, infieis, e distraidos; se hoje tomamos bellas resoluçoens de virtude, amanhaã faltamos a ellas, com a mesma facilidade com que as tinha-mos formado: todas estas reflexoens são proporcionadas a confundir, e abater o orgulho do coração humano, e fazer-lhe comprehender, que tudo quanto tem, e tudo quanto possui he hum puro dom da Misericordia Divina, e que o mesmo, que lho concedêo, lho pode igualmente tirar; pois todos os bens de que goza são outras tantas dádivas graciosas, hum empréstimo, que lhe não he proprio, nem devido; que longe de se desvanecer com as suas boas qualidades, ou com as boas obras, que com o socorro Celeste faz, e obra, antes se deve confundir na prezença de Deos, e de todas as creaturas, referindo tudo á sua legitima origem, alegrando-se na sua miseria, e na sua dependencia, em quanto ellas fazem mais brilhar o Poder, e a Graça de Deos, e o seu Soberano dominio; que todos entrem em estes mesmos sentimentos, sofrendo, que o desprezem, e julguem indigno de louvôr, e de estimação; e bem longe de buscar, e procurar estes louvôres, antes se desfaz delles, como de huã injustiça, que se faz a Deos, pois delle he que procede todo o bem.

Deverá portanto a Superiôra fazer todas estas reflexoens ás Meninas, exortando-as, a q[ue] pratiquem esta Santa Virtude nas coisas minimas, para se habituarem para os actos mayores; assim procurará persuadir-lhes, que jamais

[fl 34v]

falem com vantajem das suas boas qualidades, ou do corpo, ou do espirito; que se apliquem com alegria aos ministerios despreziveis, que lhes forem ordenados; que jamais se desculpem, quando forem reprehendidas, mas antes confessem ingênuamente as suas faltas, e defeitos; que não teiemem, nem disputem; que jámais falem dos defeitos das outras. Etc.

Estas são as principaes Virtudes, que no Evang[el]ho nos são recomendadas, e que toda a Alma Christã deve praticar, e de cujo desempenho está pendente a Gloria de Deos, e a nossa eterna felicidade. A Superiôra trabalhará quanto lhe for possivel por afeiçoar as Meninas á sua pratica, e exercicio, não se contentando simplesmente de dar-lhes hum conhecimento estéril, e theoretico dos seus differentes objectos, e fins, mas applicando-se principalmente a conduzi-las pela prática, e movendo-as ao seu exercicio; não se contentando só com práticas exteriores, e superficiaes; mas procurando inspirar-lhes o amôr a estas Virtudes Santas, de maneira, que as Meninas por si mesmas, sem violencia as pratiquem, e exercitem.

Capítulo 18

Da instrução sobre a Oração

A necessidade, e utilidade inexplicavel da Oração, he tam sensível, que parece quasi

[fl 35]

desnecessario lembrar á Superiora o cuidado, e a deligencia com que se deve applicar a promover no coração das Meninas o amôr a este exercicio santo. Com effeito, a primeira obrigação de huma creatura racional, que conhece a existencia de hum Sêr Suprêmo Auctôr de toda a Natureza, e que tudo conserva com a poderosa forsa da sua palavra Omnipotente, he levantar os olhos ao Céo, e adorar em sua Divina prezença a sua Santidade, os seus beneficos, a sua bondade, e Misericordia. He este hum acto de Religião tam necessario ao homem, como indispensavel á sua natureza, á sua condição, e ás suas grandes precizoens; pois por mui boãs que sejam as dispoziçoens naturaes do seu espirito, se acha constituido em huma impotencia absoluta, de chegar ao termo feliz da sua salvação eterna, sem o socorro de hum influxo Celeste, que o anime, e ajude a praticar o bem, e a evitar o mal; ora he hum principio certo, e indubitavel, que a oração he o meyo efficaz, e universal por onde Deos quer que alcansemos estas graças: ella he a chave de todos os Thesouros da Divina Misericordia, o canal por onde nos são communicados os bens Celestes; pois Deos, apezar do seu Amôr, e da sua magnifica liberalidade, para com o homem, quer que recorrâmos a sua Bondade, e que sintamos, que não podemos fazer nada sem o seu socorro, e assistencia. Donde se vê, que a prática desta Virtude, não só he util, mas necessaria, e indispensavel; portanto deverá a Superiôra explicar ás Meninas a natureza deste Exercicio Santo, as partes de que elle se compoem, e o modo de o praticar com fructo, e proveito: lhes mostrará, que a boã oração não consiste em muitas palavras, ou em conseitos, e pensa-

[fl 35v]

mentos engenhosos; mas que não he outra cousa mais do que hum affecto fervoroso da nossa Alma, com que prostrada diante da Divina Magestade de seu Deos, penetrada vivamente da sua Prezença, e desembaraçada de todo o pensamento terrêno, lhe faz as mais cérias prestaçoens de adoração, de amôr e de acção de graças, de desejos da sua Gloria, e de que todos o conheção, e bem digão; e humilhando-se profundamente aos pés deste Creadôr, e Authôr de todas as cousas, lhe rende as devidas graças, pelos beneficos recebidos; confessa a sua propria baixaza, a necessidade, que tem incessantemente da sua graça, e dos seus auxilios, e pede confiadamente socorro, para regular a sua vida, e caminhar com segurança, pela estrada Santa de seus Mandamentos Divinos.

Assim não hé o adorno das frases, nem delicadeza dos conseitos, quem faz agradaveis as nossas supplicas diante da Divina Magestade; mas sim o ardôr, e a pureza dos affectos, pois como D[eo]s conhece muito bem o que nós necessitamos, quer, q[ue] lhe falêmos mais com o coração, e com os affectos, do que com a boca, e com palavras.

Deverá portanto a Superiôra procurar com doçura, e suavidade excitar as Meninas a esta Santa Prática, sem as violentar, nem constringer por forsa, preceitos, temôr, ou castigo; porque a Oração deve ser voluntaria, e nascer do coração; a violencia porem tam longe está de mover o nosso coração, que antes he capaz de o tornar mais inflexível, e obstinado. He huma imprudencia inteiramente contraria á razão, e aos principios mais

naturaes, obrigar as crianças a orar, amieçando-as, forçando-as com auctoridade, e ordenando-lhe com asperêza, e dureza. Evitará a Superiôra este errado método, buscando antes, e empenhando-se em capacitá-

[fl 36]

las da necessidade deste Exercicio Santo, da sua utilidade, e da precizão continua, que temos de implorar os Divinos auxilios, e em ponderar-lhes a saudidade, que hum coração fervoroso sente naquelles felices momentos, em que se entretem com o seu Deos, as delicias castas com que o Senhôr a favorece, e anima, a consolação, e o prazer, que innundão a Alma, quando se consídera unida áquelle Deos de amôr; emfim o sentimento vivo de doçura, que experimenta o coração, ainda quando ferido da mais pungente dôr, chora os seus peccados diante da Bondade infinita de hum Deos cheyo de Misericordia, e Clemencia: a fim de q[ue] per si mesmas se movão, e se entreguem á pratica d'este Exercicio S[an]to, com gosto, e com alegria.

Como porem huã das milhores dispoziçoens para que a nossa Oração seja fervorosa he a vivesa com que excitando a nossa Fé, nos representamos diante da Trindade Divina, e adoravel; pois se os nossos coraçoes se deixarem penetrar bem da Prezença deste Soberano Senhôr, jamais deixarão de conceber os mais vivos sentimentos de respeito, adoração, e amôr; para que a Superiôra facilite quanto lhe for possivel ás Meninas esta importante prática, trabalhará muito por acostumar a sua immaginação a ver, e a encontrar a Deos em toda a parte, lembrando-lhe frequentemente, que Deos nos vê, nos observa, nos move, que não dizemos palavra, nem fazemos acção alguã, de que este Soberano Senhôr não seja testemunha; tomará occasião de tudo quanto acontecer, ou seja prospero, ou adverso, para lhes falar de Deos, de sua Bondade, Justiça, Misericordia, ou Providencia, conforme o pedirem as circunstancias, excitando-as igualm[ent]e a hum acto de amôr, de confiança, de louvôr, ou de

[fl 36v]

agradecimento, que seja correspondente, e analogo ao successo, e ás reflexoens, que sobre elle lhes fizer: deste modo insensivelmente hirá habituando-as ao precioso exercicio da prezença de Deos continua, e por meyo destas frequentes elevaçoes a Deos, hirão ellas praticamente adquirindo hum comercio incessante com o mesmo Deos, o qual as disporá admiravelmente, p[ar]a se entregarem com gosto, e alegria á Oração, e decipará a secura, e as distracçoens, o trabalho, e a violencia, que alias padecerião, quando fossem chamadas a este exercicio, estranhos ao seu espírito huns actos, a que não estavam acostumadas.

Sendo a oração dominical a mais excelente de todas as Oraçoens, não só por conter em substancia tudo quanto podemos pedir a Deos, e supplicar-lhe, mas tambem por ser dictada pela mesma Boca do Filho de D[eo]s; terá a Superiôra cuidado de explicar ás Meninas, não se lemitando a huã repetição sêca, e descarnada, mas analisando com toda a miudeza cada huã das suas petiçoens, fazendo-lhes bem comprehender a extenção das supplicas, que ellas envolvem; como tambem lhes fará conhecer o seu Authôr, e a devoção, e respeito com que a deverãõ recitar.

Igualmente lhes mostrará, que não há tempo algum em que se não possa, e deva praticar o exercicio santo da oração; pois que o Senhor nos manda orar incessantemente; comtudo como as differentes occupaçoens da vida, e os diversos emprêgos, que nos são

commettidos, nos privão desta incessante prática; toda a Alma Christã, deve ao menos, estabelecer certas horas do dia, em que regularmente se applique a esta prática Santa: deve fazê-la pela manhã, para se humilhar diante da Santissima Trindade, adorar a Sua Magestade Supre[m]ma, e agradecer-lhe os beneficios recebidos, supplicar-

[fl 37]

lhe outros de novo, offerecer-lhe as premicias d'aquelle dia, e todo elle antecipadamente; ao meyo dia, para recolher o ser espirito, e purificar-lho de toda a decipação, que lhe tiverem occasionado as suas occupaens exteriôres, e temporaes; no fim da tarde, para reconhecer aos pés de Jesus Christo as suas faltas, confessar-lhas com candura, e implorar a sua Graça, e o socorro da sua Mão contra todos os inimigos invisiveis; e emfim, para lhe pedir a sua Bênção, e assistencia em todo o decurso da noute. Igualm[ent]e lhes mostrará, que todo o lugar he proprio, para a oração; pois como Deos está em todas as partes, e ouve até os desejos do nosso coração, se pode implorar em todo o lugar, porem, que os lugares destinados, especialmente para isto, he o seu Templo, onde elle rezide, como em o Trono da sua Gloria; e quando possamos a elle recorrer, devemos sempre quanto nos for possivel recolher-nos a hum lugar retirado, onde o nosso espirito, apartado do commercio das creaturas, se possa mais facilmente entregar a toda a effusão dos seus affectos, para com D[eo]s .

Não deixará tambem de inspirar-lhes o modo de derigir as suas supplicas, segundo a praxe da Igreja, encaminhando-se a D[eo]s Padre, pedindo-lhe as suas graças pelos Merecimentos de seu Filho, pois os seus Merecimentos são infinitos, e D[eo]s não nos ouve favoravel, senão, quando lhe pedimos em nome de hum Filho, que he toda a sua Gloria, e todo o seu Amôr. Não deixará comtudo de lhes fazer notar, que tambem podêmos derigir directamente a Jesus Christo as nossas Supplicas, em cujas Mãos pôz seu Divino Pay todo o podêr na terra sobre o Céu, para distribuir os seus Thesouros entre todos os que o adorão. A este Divino Salvadôr nos devêmos tambem encaminhar; pois nos dá tantas provas do seu amôr, e depois de haver conversado

[fl 37v]

com os homens sobre a Terra, quer ainda lá do Céu communicar-lhes os seus favôres.

Como a invocação dos Sanctos he hum meyo muito util, e louvavel, para esforsarmos com Deos os nossos rogos, terá tambem a Directôra cuidado de inspirar com tempo as Meninas a esta pia, e utilissima devoção, ensinando-lhe o legitimo culto, que se lhes deve, o gráo de respeito, e veneração, que nos merecem; mostrando-lhes o modo de implorar a sua protecção, e de lhes pedir, que apresentem ao Senhor as nossas supplicas, porem desviando-as sempre dos abuzos, que são nesta matéria tam frequentes entre o Pôvo; por isso lhes fará bem comprehender, que só Deos he quem nos pode conceder o perdão das nossas culpas, e as graças, que nos são necessarias, tanto na ordem natural, como sobrenatural, que só pelos Merecimentos infenitos de Jesus Christo, he que estas graças nos são concedidas, e que só este Senhór he o nosso legitimo Mediadôr, e unico intecessôr, que pelos proprios Merecimentos nos pode obter os favôres do Céu, e dos quaes he que recebem todo o seu valor as oraçoens dos Santos, quando elles rogão, e intercedem a Deos por nós.

Portanto lhes mostrará, que os Sanctos, supposto serem creaturas de Deos, como nós sômos, com tudo pela alta Dignidade, a que são elevados no Céu, depois de glori-

ficarem a Deos sobre a Terra, e terem com o auxilio da Graça praticado heroicam[ent]e o Evangelho, gozando agora da corôa immortal devida ás suas virtudes, e repousando tranquillos no Porto da Gloria, merecem justamente a nossa veneração, e o nosso respeito. E como por outra parte são os servos escolhidos do Senhôr, amigos de Deos,

[fl 38]

e validos do seu Reino, não perdendo lá no Céu a caridade, que a seus proximos tinhão cá na Terra, mas antes estando esta agora tanto mais aperfeiçoada, quanto mais perfeito he o amôr, q[ue] tem ao mesmo Deos, se interessão incessantemente por nós em nosso favôr, nos ajudam a pedir a D[eo]s que nos socorra, se mostrão tanto mais sollicitos da nossa salvação, quanto mais seguros se achão da sua felicidade; e quando nós os invocamos, e imploramos a sua protecção, elles appresentão a Deos as nossas oraçoens, acompanhadas dos Merecimentos infinitos de Jesus Christo, e por meyo deste precioso, e abundantissimo Thezouro, nos obtem as graças, que podem santificar-nos.

Entre todas as Devoçoens particulares, nenhuma ha que mereça mais attenção a huã Alma Christaã, do que a da Mãe de Deos; pois alem das immensas vantagens, que a fazem Superiôr a todos os outros Santos pela iminencia das suas virtudes; o Nobilissimo Titulo de Mãe do Filho Unigenito de Deos, he tam elevado, que o nosso espirito não pode alcançar a veneração, e o respeito, que lhe deve; por outra parte, esta Santissima Virgem he o exemplar mais perfeito da humanid[ad]e, pureza, paciencia, caridade, amôr de Deos, e das virtudes mais sublimes, e assim he tambem Advogada mais poderosa, o refugio mais seguro, e a Protectôra mais singular de todos os Fieis: por esta causa deverá a Superiôra inspirar com tempo ás Meninas huã grande Devoção a esta Raynha do Céu, mostrando-lhe, que lhe devêmos tributar hum culto muito superiôr, e muito mayor ao de todos os outros Santos, e que a sua intercessão, para com Deos, nos pode alcançar socorros mais poderosos do que a de todos os outros Bemaventura-

[fl 38v]

dos. Porá diante dos olhos das Meninas este grande modelo, mostrando-lho por todos aquelles lados que mais poderem interessar os seus affectos, e exortando-as á imitação das suas grandes virtudes, e persuadindo-lhes, que para ter verdadeira devoção á Santa Virgem, não basta somente invocá-la, ou dedicar-lhe alguãs Oraçoens, mas, que a sólida devoção, e a que unicamente lhe pode ser agradavel, he a imitação dos seus exemplos, tanto, quanto pode permittir a nossa fragilidade; que a devoção, que esta Grande Virgem estima, e os rogos, que mais se compraz ouvir, são os de peccador humilhado, e conctricto, que sinceramente a implora, para que lhe alcance graça, para abandonar o peccado, e corrigir a sua vida; ou do justo, que a invoca, p[ar]a que lhe obtenha os auxilios necessarios, para se manter, e conservar na Ley do Evangelho, e p[ar]a que a sua fragilidade jámais della o extravie. Igualmente buscará inspirar-lhes a devoção ao seu Anjo da Guarda, fazendo-lhes ao mesmo tempo reflectir no grande beneficio, que o Senhôr nos faz neste amoroso rasgo da sua Providencia, e Bond[ad]e, destinando-nos hum espirito celeste, que nos acompanhe, nos livre dos perigos, nos defenda dos inimigos invisiveis, nos advirta, e nos desvie dos nossos excessos, e das nossas desordens.

Capítulo 19

Da instrução sobre os Sacramentos da Igreja, e Sacrificio dos nossos Altares

[fl 39]

Os sacramentos, que N[osso] Senhor, e Salvadôr Jesus Christo instituiu para nosso remedio, e salvação, formão outro artigo importante em que as Meninas deverão ser indispensavelmente instruidas. A Superiora, seguindo o mesmo método, que lhe deixamos indicado, lhes explicará com a devida exactidão a sua natureza, fim, effeitos respectivos, demorando-se principalmente nos primeiros quatro, como mais necessarios, e interessantes á sua idade, e condição.

Tendo nós, minhas filhas, lhes dirá, perdido em nosso primeiro Pay, a innocencia, e a Just[iç]a original, que nos assegurão a i[m]mortalidade, e a posse nunca interrompida, e sempre permanente do Summo Bem; foi necessario, que hum Reparador Divino nos restabelecesse as preciosas prendas de que o peccado nos privára; para este fim instituiu o mesmo Salvadôr adoravel certas ceremonias, certos Ritos sensiveis, e exteriôres, aos quaes communicou huã efficacia sobrenatural, huma virtude tão poderosa, que tocando o nosso corpo, produzissem ao mesmo tempo em a nossa Alma, a Justiça, e a Santidade. Estes Ritos, e estas Ceremonias, se chamão Sacramentos, e são os Sette, que a Igr[ej]a em todo o tempo conferio áquelles, que entravão, e se conservarão em a sua união Santa. Estes são os poderosos instrumentos da nossa justificação, e da nossa eterna felicidade, os grandes meynos, que a Misericordia do Senhôr nos prepara, para por elles nos serem applicados os venturosos fructos da sua Paixão, e Morte, e aquella Graça Divina, que nos santifica, e nos faz agradaveis aos olhos do mesmo Deos.

O primeiro destes Sacramentos, he o Baptismo, pelo qual a Igreja nos associa ao seu

[fl 39v]

grémio, e nos faz entrar em o numero de seus filhos; elle consiste naquella santa ablução, que o sagrado Ministro faz sobre nós, em nome do Pay, e do Filho, e do Espirito Santo, lavatorio Divino, pelo qual as nossas Almas ficão consagradas ao Senhôr, purificadas da mancha original, livres de todas as penas, em que havião incurrido pelo peccado, e enriquecidas com todos os Thesouros Celestes; por meyo d'elle, se nos infunde a Fé, a Esperança, e a Caridade, e o hábito das virtudes mais excellentes, se nos imprime o indelével, e permanente carácter de christãos; sêlo Augusto, e muito mais glorioso do que todos os Titulos de Nobreza, com que o orgulho dos homens alimenta a sua vaidade, pois em certo modo nos faz participantes da Natureza Divina, e nos fará reconhecer diante do Tribunal de Jesus Christo os seus Discipulos, como parte do seu corpo, e ovelhas do seu Rebanho. Por meyo desta espiritual consagração, os nossos Membros se transformão em hum Santuario, em que o Espirito de Deos rezide com toda a sua Gloria, e Magestade; os m[es]mos Templos, e a mesma Religião nos convoca, para adorar-mos o Suprêmo Creadôr de todas as cousas; ainda que muito respeitaveis são apenas huã figura do Templo vivo de huã Alma, que acaba de ser baptizada; os Altares em que todos os dias se celebrão os Santos Mysterios da nossa Redempção, ainda, q[ue] muito Veneraveis, não são senão huã immagem do Altar invisivel de hum coração regenerado pelas agoas saudaveis deste lavatorio Augusto.

Porem assim como este grande Sacramento nos communica dons tam sublimes, e preciosos, tambem nos impõem devêres, e cõrrespondencias, as mais inviolaveis; pois desde o instante, que renascemos pela graça, e pelo Espirito Santo, ficamos

[fl 40]

alistados na Milícia de Jesus Christo, e renunciamos publicamente ao Demonio, e a todas as suas illusoens, ao Mundo, e a todas as suas pompas, á carne, e a todos os seus deleites, e prazêres; de maneira, que depois de receber-mos o Sagrado Baptismo, em nome de Jesus Christo, devêmos morrer com elle para o peccado, e para os sentidos, e para todos os desejos do século, e devemos fazer sobre a Terra huma Vida Celeste; todas estas promessas fizemos no Templo de Deos, á face dos Altares, na prezença dos Fieis, e da Igreja; quando esta nos admittio á sua sociedade, e nos purificou nas Ágoas salutiferas do Sagrado Baptismo. Que abuzo, minhas cáras filhas; que sacrilegio; que horrivel profanação não seria, se faltasse-mos a promessas tão solemnes, e desmentisse-mos com os nossos costumes desordenados devêres tam santos, e tam dignos de Magestade do Senhõr, a quem se consagrão!

O segundo Sacramento, que a Igreja nos confere, he a Confirmação, a qual consiste naquella Acção mysteriosa, com que o Bispo, impondo-nos as mãos, nos unge, a testa com o Sagrado Chrisma. Este Sacramento nos confere as graças proprias á conservação, e ao crescimento da vida christã; nos confirma, e forlatece, e aperfeiçoa o sêr Divino, e espiritual, que nos conferio o sacramento, que nos regenera em Christo. Pois assim como o Baptismo nos abre a porta, nos faz entrar no caminho da felicidade, assim a confirmação nos dá as forças necessarias, para nos sustentar, e para combater com vantagem os diversos inimigos, que pertenderem embarçar-nos em a carreira, que devêmos trilhar. O Baptismo nos alis-

[fl 40v]

ta na Milícia de Jesus Christo, a Confirmação nos arma, nos prepara ao combate: o Baptismo basta para aquelles, que morrem depois de o ter recebido; a confirmação he tambem precisa áquelles, a quem a Providencia reserva aos combates desta vida caduca, e miserável. Por esta causa, ainda, que a confirmação não seja de huã necessidade absoluta, p[ar]a a salvação, comtudo, não deixa de ser muito útil, muito precisa, para nos conservar-mos firmes na prática dos Divinos Preceitos, e vencêr-mos as paixoens da natureza corrompida.

Por meyo deste Sacramento, nós recebemos o Espirito Santo, que he o principio, e a fonte de todo o Bem, e de toda a Graça excelente: aquelle mesmo Espirito, que Jesus Christo promettêo aos Appostolos, e que os Profetas altamente precunisarão; assim a recepção deste Sacramento he para nós hum Pentecostes particular; bem como os Appostolos, nós recebemos hum espirito de sciencia, pelo qual contemplamos as cousas Divinas, e eternas, segundo ellas julgamos, e decidimos de todas as nossas acçoens; hum espirito de sabedoria, pelo qual a nossa Alma, sentindo o mais vivo prazer, e gôzo na contemplação das cousas celestes, experimenta quanto he dôce, e suave o Senhõr a quem servimos; hum espirito de Temõr de Deos, pelo qual a Alma se faz dócil ás Divinas inspiraçoens, se sujeita inteiramente ao Espirito do Senhõr, e abraça debaixo da sua direcção tudo o que julga licito, e agradavel ao Pay Celestial, e cuidadosa se abstem do que pode desagradar a hum Pay tam bom, e amoroso; hum espirito de piedade, e de Religião, que nos faz servir, e amar muito respeitosaente a Deos, como a nosso Pay, e

[fl 41]

nos encaminha por seu amôr a amar tambem aos nossos proximos, como nossos Irmãos, filhos do mesmo Pay, herdeiros dos mesmos bens; em fim, hum espirito de forsa, o qual nos faz sofrêr as mayores penas, e o mesmo martirio, antes do que faltar á fidelidade, que temos jurado a Jesus Christo; pois não basta, que a Alma christã tême o Senhôr, e piedosamente se compadeça do proximo, seja instruida no que deve crêr, e obrar; he necessario tambem, que o Espirito Santo lhe communique a força, e o vigôr bast[ant]e, para executar aquillo, que julga poder-lhe assegurar a sua salvação.

Tanta he, minhas filhas, a Misericordia do Senhôr a nosso respeito. Se nós tivessesmos sahido deste Mundo logo depois de nos ser conferido o sagrado Baptismo, D[eo]s nos teria recebido no Céu, como seus filhos, e herdeiros do seu Reino; mas querendo elle deixar-nos sobre a terra expostos ao damno, e ao perigo de perder o novo sêr com que nos tinha honrado, que tem feito, para nos evitar esta desgraça? Quiz, que a sua Igreja cuidasse de nos munir com o sêlo da confirmação; que ella nos mettesse em o numero dos perfeitos christãos, armando-nos de forsa, e valôr, para nos manter-mos firmes contra os ataques de tantos inimigos, que conspirão a nossa desgraça, e a nossa perda. Ainda fez mais; elle enviou ao nosso coração o precioso penhôr do seu amôr, o seu Divino Espirito, Auctôr de todo o Bem. Ás oraçoens do Bispo, que nos impôz as mãos, este Divino Espirito descêo sobre nós, como antigamente sobre os Appostolos, desejsôo² de nos fortificar na perfeição, que acabava

[fl 41v]

de nos conferir a união Sagrada do Santo Chrisma, e nos enriquecêo com os seus dons preciosos. Divinamente pródigo de se mesmo, elle quiz ser nosso Auctôr, nosso Protectôr, nosso Defensôr, nosso Doutor em a sciencia da salvação, nosso Conselheiro em as nossas duvidas, nosso Consoladôr em as nossas penas, nosso guia em todos os nossos caminhos. Que graças, reunidas em huã só graça! Ah! minhas filhas, quanto são preciosas as nossas Almas aos olhos de Deos, pois nos tem favorecido com tantos dons! Julgai do seu Amôr a nosso respeito, pela excelencia das graças com que nos tem adornado.

Pelo mesmo méthodo continuará a Superiôra, explicando os demais Sacramentos, demorando-se particularmente no da Eucharestia, e Penitencia, trabalhando muito por inspirar ás Meninas todas aquellas idéas mais preciosas, e luminosas, idoneas não só a dar-lhes huã instrucção exacta, e clara de tam Augustos Sacramentos, mas especialmente o conhecimento práctico das grandes disposiçoens que huã Alma efficaizmente zelozza do seu Bem Espiritual deve levar á recepção delles, e dos quaes dependem os vantajosos fructos anexos ao perfeito uso de meyois tão proficuos, e vantajosos á nossa Salvação Eterna. Como tambem lhes explicará o modo de assistir ao tremendo Sacrificio dos nossos Altares; fazendo-lhes comprehender bem a natureza, e fim deste admiravel Sacrificio, e os diferentes fructos, que elle nos offerece, como satisfatorio, impetratorio, latreutico, e Eucharistico. Para desempenhar todas estas liçoens, buscará não só no Cathecismo por nós adoptado, as idéas competentes, mas ainda

² Sic.

[fl 42]

em outros Livros asseticos, onde todos estes grandes objectos se achem tratados com a individuação, e claresa necessaria, em cuja elleição seguirá o conselho do Pe Cappellão do mesmo Conservatorio. Deverá outrosim seguir nas suas Liçoens inteiramente, as instrucçoens estabelecidas pelo Bispo de Pernambuco nos Estatutos feitos, para o regimen das Educandas de N[ossa] Senhora da Gloria, as quaes aqui se suppõem transcriptas, como igualmente o que nos mesmos Estatutos se ordeña, relativamente ás Mestras de cozêr, bordar, etc; o que tudo ordenamos se pratique, como se aqui se achasse formalmente copiado.

Supplemento ao Capitulo 2º

Determina-mos, que se para o futuro houver dinheiro, que se possa dar a juro, a Superiôra o não poderá fazer, sem licença Nossa, precedendo o consenso das duas immediatas Regentes; como tambem ordeñamos, que nunca já mais possam deminuir o fundo das Rendas.

Supplemento ao Capp[itul]o 3º

Por evitar-mos o que costuma acontecer naquellas Fábricas onde se prestão fácil-

[fl 42v]

facilmente ao emprestimo dos Paramentos, ou Alfayas, donde resulta o estragarem-se, e ficarem inhabeis para o Culto Divino; e por não haver meynos de os reformar, acontece muitas vezes o servirem-se com elles assim mesmo indecentes: portanto prohibimos debaixo de penna de Excommunhão a todas as pessôas, que emprestarem para fora os Paramentos do Nosso Conservatorio; e nesta mesma penna incorrerão todas as pessôas, que para o d[it]o emprestimo concorrerem».